

MARIA DE LOURDES FREITAS DE SOUZA

**O HOMEM SUJEITO:
EDUCAÇÃO PARA A VIDA NA
MATURIDADE**

Dissertação apresentada ao Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador:

Prof. Dr. Norberto Jacob Etges

Prof. JOSÉ ANDRÉ PERES ANGOTTI
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em
Educação/CED/UFSC - Portaria 0781/GR/94

UFSC - 1996

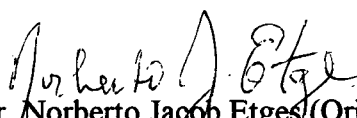


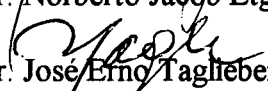
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

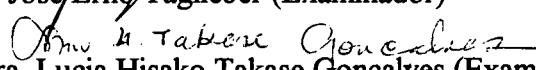
***"O HOMEM SUJEITO: EDUCAÇÃO PARA A VIDA
NA MATURIDADE"***

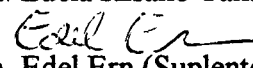
Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de Mestrado em Educação do Centro de Ciências da Educação em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 28/02/96


Prof. Dr. Norberto Jacob Etges (Orientador)


Prof. Dr. José Erno Taglieber (Examinador)


Profa. Dra. Lucia Hisako Takase Gonçalves (Examinadora)


Profa. Dra. Edel Ern (Suplente)

MARIA DE LOURDES FREITAS DE SOUZA

Florianópolis, Santa Catarina, fevereiro de 1996.

Ao meu marido, Washington,
e aos meus filhos, Pedro e Anna.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Norberto Jacob Etges, pela inspiradora e firme orientação, paciência e amizade.

Ao meu marido Washington, pela compreensão e carinho durante esta caminhada.

Ao meu filho Pedro, pelo valioso auxílio no computador.

À minha filha Anna, pelo carinho e entusiasmo pelas nossas conquistas.

À Liliam e Brenda, pelo estímulo e auxílio na revisão.

À Eloá e Célia, pelo incentivo e fornecimento de valioso material de pesquisa.

Aos colegas, João e Márcia, companheiros durante toda nossa jornada.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a construção deste objeto.

RESUMO

O nosso objetivo neste trabalho é o estudo de coordenações de ações da identidade do indivíduo capaz de manter-se realizado após sua aposentadoria. Por ser auto-fundante, auto-determinado e apenas condicionado pelo meio, mas por ele jamais determinado, esse mesmo indivíduo pode se insurgir contra as limitações e restrições do processo de envelhecimento e do próprio meio. Partindo do centro epistemológico, do conceito simples comum a todos e a todas as idades enquanto potência, chegamos às ações particulares e, ao mesmo tempo, universais do homem idoso.

Para legitimar nossa caminhada, seguiremos em nossa análise a dialética hegeliana, onde o conceito é sempre real, significando um conjunto de ações e relações, neste sentido concreto, mas invariante já que universal. Nossa análise transcorrerá em dois níveis distintos: o psicológico, particularmente em E. Erikson, com restrições à sua abordagem do idoso; e o epistemológico construtivo, pelo qual optamos.

Concluimos pela necessidade da construção do sujeito realizado, autônomo, auto-poiético, como possibilidade maior do idoso não cair no fetiche, na idolatria de suas próprias construções, transformando assim as ações por ele determinadas em ações condicionadas pelas racionalidades das estruturas externalizadas e, conseqüentemente, transformando o sujeito num mero alienado de si e do próprio mundo, já que tal alienação torna-se particularmente dolorosa com a aposentadoria.

ABSTRACT

Our purpose in this work is the study of coordination of actions of the identity of that individual able of fulfilling himself after retirement. Because she/he is self-forming, self-determined and solely conditioned by the environment, but never by it determined, she/he can rebel against the limitations and restrictions of the aging process and the environment itself. Departing from the epistemological centre, from the simple concept of all men in all ages as potency, we end up on particular and, at the same time, universal actions of the aged man.

To legitimate our walk, we shall follow in our analysis Hegel's dialectic, where the concept is always real, meaning a set of actions and relations, in this sense concrete, but invariant once universal. Our analysis will run in two distinct levels: - the psychological, particularly in E. Erikson, with restrictions to his approach of the aged, - and the epistemological constructive, for which we opted.

We concluded for the need of constructing the fulfilled subject, autonomous, auto-poietic, as a major possibility for the aged not to fall in the witchcraft, in the idolatry of his/her own constructions, and so transforming the actions overdetermined by him in actions conditioned by the rationalities of the external structures and consequently transforming the subject in a mere alienated being detached from himself and from his own world, once such alienation becomes particularly painful with retirement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 VERTENTES DO CENTRO EPISTEMOLÓGICO OU CONCEITO SIMPLES	13
2 METODOLOGIA	17
3 TEORIAS PSICOLÓGICAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	18
3 . 1 Teóricos e teorias relevantes	18
3 . 2 Erikson, uma visão teórica relevante e suas limitações na análise do indivíduo idoso	21
4 O DEVENIR DA IDENTIDADE	27
4 . 1 A importância de uma visão dialética ou unidade do diverso	27
4 . 2 O centro de funcionamento - a identidade	30
4 . 3 O que é desenvolvimento	34
4 . 4 As categorias sujeito e predicado	37
4 . 5 Pode o idoso ter paixão e fazer história ou é seu destino resignar-se com a passividade?	40
4. 5. 1 A realização do sujeito individual e a universalidade da paixão humana	40
4. 5. 2 O idoso na história	44
5 O IDOSO: O ESTIGMA E A APOSTA INSTITUCIONAL NA DEPENDÊNCIA E NO FRACASSO	47
5. 1 A construção e função social do estigma do idoso	47
5. 2 A linguagem de relações	48
5. 3 A exclusão e inclusão social do idoso	52
6 INSTITUIÇÕES E INDIVÍDUO IDOSO	55

7	TRABALHO / APOSENTADORIA ALIENAÇÃO / REALIZAÇÃO	59
7 . 1	O trabalho e a aposentadoria	59
7 . 2	Alienação e aposentadoria	64
7 . 3	Contraponto dos efeitos deletérios da perda do papel principal	69
8	CORA CORALINA	74
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
10	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83

INTRODUÇÃO

O acelerado crescimento da população de idosos e suas conseqüências em todo o mundo, principalmente nos países em desenvolvimento, é lugar comum nos trabalhos de gerontólogos e geriatras. É também preponderante, nos trabalhos nacionais, o enfoque do idoso muito mais como vítima de um sistema social, político e econômico injusto do que como sujeito e determinante da ação. Sem dúvida existe alguma pertinência nesta percepção, e a construção de uma sociedade mais justa cabe a todos, jovens e idosos. Mas, neste discurso, perpassa muito fortemente um assistencialismo que ofusca a maior e mais importante luta pela autonomia do ser idoso. Autonomia aqui entendida não apenas como grau de independência ou dependência, mas como ser sujeito da ação, autodeterminado, autopoietico. Não há dúvida de que a assistência tem seu momento e lugar em todo o processo de desenvolvimento humano. No entanto, é necessário que seja vista como um momento, jamais como o objetivo dos técnicos envolvidos na questão.

É preocupante observarmos que as contradições humanas como parte de um mesmo sistema contraditório, mas uno, são encaradas de forma realmente pouco integrada pelos agentes da ação gerontológica. Assim, por exemplo, ao mesmo tempo em que todos necessitamos de cuidados médicos, precisamos de que o mesmo médico nos veja como pessoas autônomas, autodeterminadas e, portanto, capazes de ativamente buscar seus próprios caminhos. A colocação do

idoso como mera vítima passiva de um processo político, social e econômico injusto seguramente trabalha contra sua autonomia e independência.

As teorias psicológicas em muito contribuíram e contribuem para esse processo de “vitimização”, embora possamos crer não ter sido essa a intenção de seus autores. A grande dimensão dada à relação mãe e filho pelas teorias de linha analítica em um desenvolvimento linear, onde causa e efeito são sempre buscados, imputa à mãe a culpa pela maioria das desgraças dos filhos. A relação mãe e filho arrasta-se seguindo sua vítima até sua vida adulta, servindo-lhe de muletas para seus próprios fracassos, como se não fossemos capazes de rupturas e novas construções a cada dia. Como diz Cora Coralina (1984, p.1):
 “Procuro superar todos os dias / minha própria personalidade / renovada, / **despedaçando dentro de mim / tudo que é velho e morto**”. (grifo nosso).

Em trabalho apresentado pelo Prof. Dr. Heber Soares Vargas, “Saúde Mental e Senescência”, no *Primer Congreso Panamericano de Gerontología - San Pablo - Brasil 19 al 23 de Febrero 1995*, podemos ver com muita clareza um idoso socialmente construído e, portanto, jamais sujeito, auto-determinado, auto-poiético.



Se culturalmente o indivíduo é percebido como carente de mérito, torna-se muito difícil que ele se tenha a si mesmo em elevado apreço. Portanto, na medida em que o contato do idoso na família e na comunidade acarreta bons resultados, o idoso terá um bom ajustamento. (Vargas S. Heber, 1995, p. 11).

Ora, certamente Vargas não conheceu Cora Coralina. Os atributos idoso incapaz, velho incompetente, etc., em Cora Coralina, não encontram nenhum eco em sua coordenação de ações estruturadas, resultando no comportamento contrário ao esperado pela sociedade. A descrença torna-se efetiva quando

serve para racionalizar, autojustificar coordenações de ações condizentes com os atributos e ainda lhes concede chancela social. A tendência à acomodação, à fixação passiva nos atributos negativos se contrapõe à busca permanente da potência humana à auto-realização, à luta verdadeira, à conquista real dos que, como Cora Coralina, têm a coragem de ser existência.

*A estrada está deserta,
vou caminhando sozinha.
Ninguém me espera no caminho.
Ninguém acende a luz.
A velha candeia de azeite
de há muito se apagou.
A longa noite escura...
A caminhada...
Carregando pedras,
**construindo com as mãos sangrando
minha vida.**
(Coralina, Cora, 1987, p. 47) (grifo nosso).*

O que diremos de todos aqueles que, solitários, malamados e fisicamente frágeis, construíram caminhos de auto-realização e reconhecimento? É justamente resgatando este outro lado menos dito, menos falado, que pretendemos desenvolver este trabalho. Dizer que é importante que o idoso se mantenha ativo não diz muito, porém aqui queremos chamar atenção para a capacidade do idoso, como de todo homem, de construir para si mesmo, como ser autônomo, auto-determinado, a qualquer tempo, uma boa caminhada. Falaremos também do processo de alienação ontogênica do homem em seu trabalho, não só como algo que dificulta sua realização após a aposentadoria, mas como etapa contraditoriamente necessária ao processo de realização da potência humana. Apontaremos também a ação dos técnicos que aliciam e fortalecem a relação de dependência juntamente com a ação dos técnicos que acompanham e assessoram a autonomia. Faremos restrições a algumas teorias psicológicas quanto à abordagem do idoso, atacando mais especificamente a

abordagem de Erik Erikson, por ser esta uma das mais citadas na literatura gerontológica. Nossa análise seguirá uma visão dialética construtiva, baseada na dialética hegeliana.

Consideraremos nesta dissertação como idoso todo aquele que tenha 60 anos de idade ou mais, seguindo, assim, a mesma definição adotada pelas Nações Unidas em 1980. (Apud Gonçalves, 1992, p. 12).

1. VERTENTES DO CENTRO EPISTEMOLÓGICO OU CONCEITO SIMPLES

Toda realidade que não for a realidade assumida pelo próprio conceito, é existência passageira, contingência exterior, opinião, aparência superficial, ilusão, etc.. (Hegel, F. D. 1990, p. 19).

O conceito simples de que falamos não é o conceito subjetivo, ou meramente intelectual, mas o conceito verdadeiro que é e assume a realidade. Aqui, como na filosofia do direito de Hegel, não há conceito e realidade como sendo dois aspectos diferentes, mas dois momentos de uma mesma realidade: - o conceito ou a idéia em-si (potência) e - o conceito ou a idéia para-si (potência realizada, ações no mundo dado, trabalho humano).

Há, então, dois momentos dessa mesma potência:

- A potência, em sua ilimitada infinitude, como substância, é pura em-si, possibilidade real da coisa. É o conjunto de relações que dá identidade ou põe algo numa classe de seres;

- A potência, em sua finitude e limitação, como realização, é verdade da potência, ou potência realizada (ação no mundo), concretamente construída, como essência ou reflexão, é pura idéia ou conceito realizado no tempo e no espaço.

Há também dois mundos de ação dessa potência:

- O mundo construído pelo ser humano através do trabalho intelectual, artístico, institucional, braçal, etc.;

- O mundo, que é o mundo onde o homem se relaciona com a natureza que, apesar de “morta” (externa), é aberta e sensível às ações do homem.

O homem relaciona-se praticamente com a natureza e comporta-se perante ela enquanto algo de imediato e de externo também como um indivíduo imediato e externo e, por conseguinte, sensível, o qual porém se comporta também justamente como fim em confronto com os objecto naturais. (Hegel, 1969, v. II p. 9).

Há uma mesma idéia e ao mesmo tempo uma forma, um mesmo conceito simples que aqui vai prevalecer: o “espírito” e/ou o “eu”, como duas vertentes, embora uma mesma vertente epistemológica construtiva.

- A primeira, de que o “espírito” e/ou o “eu” têm sua própria unidade viva.

O sentimento que o espírito tem de sua própria unidade viva levanta-se por si mesmo contra sua fragmentação em faculdades diversas, concebidas independentemente umas das outras, em forças ou, o que vem dar à mesma coisa, em actividades de modo idêntico concebidas. (Hegel, 1969, v. III p. 8).

Hegel (1969. v. III p. 49) afirma que “o eu é a referência infinita do espírito a si,” (...) e ao mesmo tempo ele coloca o “eu” como o mais importante exemplo de unidade simples sendo também desta mesma forma visto aqui.

Um exemplo mais importante é o eu. Quando digo eu, trata-se de algo de inteiramente simples, de abstratamente universal, a todos

comum; cada qual é eu (...) Neste ponto simples, no eu tudo está contido, (...) (Hegel, 1969, v.III, p. 84).

- A segunda, de que o “espírito” e o “eu” se realizam no mundo dado através de ações objetivas e concretas (trabalho humano).

É na forma da realidade como de um mundo a produzir e por ele produzido, em que a liberdade reside como necessidade existente - eis o espírito objetivo; (...) É na unidade da objetividade do espírito e da sua idealidade ou do seu conceito, unidade que é em-si e para-si (...) (Hegel, 1969, v. III p. 11- 12).

O “espírito” e o “eu” compõem nosso centro epistemológico por serem unidades simples e universais de todos os homens. Este mesmo centro é visto como um sistema fechado por ser ele autofundante, autodeterminado. É passível de sofrer condicionamentos, pois que é no meio externo que se realiza, mas jamais é determinado por este mesmo meio.

Os processos internos do pensamento humano em sua adaptação ao meio, descritos por Piaget, são suportes necessários para compreensão do desenvolvimento de estruturas de ações internas, mas tais processos não alcançam toda amplitude da realização da potência. O “espírito” como puro pensamento distingue o homem do animal, sendo seu maior legado. Para Hegel o espírito é tão essencial ao humano que tem tudo a ver com sua infinita multiplicidade e diversidade de objetos. Assim, não podemos restringir o desenvolvimento do espírito à mera lógica matemática ou mesmo à linguagem meramente formal, pois não abarcaríamos suas contradições e ilimitada potência, todas as instituições realizadas, construídas com paixão e interesse. A dialética hegeliana, então, torna-se o instrumento adequado à compreensão do desenvolvimento de toda esta potência.

Não nos interessa aqui intermináveis discussões a respeito do que é ou não é ciência, mas podemos defender nossa posição com as seguintes

considerações: sendo através dos sentidos que captamos o mundo dado, estamos sempre sujeitos a diferentes distorções. Até o mesmo homem não vê de igual maneira o mesmo objeto em diferentes intervalos de tempos. Então, construímos aparelhos para uma percepção mais exata deste mesmo mundo. A maior confiabilidade do aparelho está em ser este construído pelo homem, sendo, por isso mesmo, sua estrutura e funcionamento plenamente conhecidos.

Para evitar enganos e distorções, a ciência só pode aceitar o conhecimento como verdadeiro quando ele for fruto da construção do homem, e desta forma, na construção de estruturas internas e externas para o ser idoso, não só fazemos ciência, como construímos organizações, redes de relações interpessoais, e as estruturas necessárias e adequadas a cada momento do ser idoso. Partimos da vertente de que o “espírito” e/ou o “eu” têm sua própria unidade viva, sendo realizados através de suas realizações no tempo e no espaço.

2 METODOLOGIA

Se o método é um conjunto operatório de categorias, então, o debate com os autores significa especificamente a construção / reconstrução de um conjunto coerente de categorias em torno da vida na maturidade. Tal processo, nesta dissertação, se dá através da dialética construtiva, legitimada pela dialética hegeliana. Partindo da construção teórica, buscamos comprovação prática através de casos já descritos por outros autores ou vivenciados em nosso trabalho com pessoas idosas.

3 TEORIAS PSICOLÓGICAS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

3.1 Teóricos e teorias relevantes

A maioria dos teóricos da psicologia do desenvolvimento humano e da personalidade descreve o desenvolvimento do homem, da infância à adolescência, como se o fim do desenvolvimento físico fosse o fim do desenvolvimento humano. Geist (1977 p. 23) afirmava que, nas modernas teorias da personalidade, poucos são os conceitos que falam a respeito do processo de envelhecimento. É Geist (1977, p. 15) que também nos informa terem sido médicos e filósofos, já no século XIX, os primeiros a estudar objetivamente a psicologia do envelhecimento, sendo que só após a Primeira Guerra Mundial, em 1922, é que G. S. Hall publica o primeiro estudo sistemático, *Senectud*, sobre a evolução do processo de envelhecimento.

Sigmund Freud (1898) chega a pensar que as pessoas, depois dos 40 anos, não seriam mais educáveis pelo grande volume de vivências passadas que teriam de ser percorridas. Poucos de seus seguidores se arriscaram a tratar de pessoas idosas. Brink (1983 p. 61) nos informa sobre três psicanalistas que trouxeram alguma contribuição no tratamento de pessoas mais velhas. Karl Abraham (1927) verifica que não é a idade do paciente que inviabiliza o tratamento de pessoas mais idosas, mas a idade da neurose. Assim, em muitos casos, quando a neurose era recente, não havia necessidade de o paciente fazer

todo o percurso de volta a infância. Kaufman (1937, 1940) descreve o complexo de Édipo invertido; como o nome sugere, há uma regressão do idoso ao complexo edipiano que, neste momento, desloca-se do seu objeto original para o filho adulto. Grotjahn (1940, 1951, 1955) vê a crise dos últimos anos como trauma narcísico em decorrência da ansiedade de castração.

Em Salgado (1982, p. 83, 84, 85, 86) vemos que estudo posterior ao de Grotjahn, como o de Balier, C. & Caillard, M. (1976), sobre narcisismo secundário, mostra a ação desse como fator de equilíbrio na velhice. No narcisismo primário há um investimento de toda a libido da criança sobre ela mesma. Essa primeira forma de relação de amor mãe e filho é primordial e básica para o sentimento de segurança e enfrentamento das adversidades futuras. No narcisismo secundário, há um retorno da libido ao ego, dando ao indivíduo sentimento de identidade. Ele sabe-se então capaz de ser autocuidado, ampliando suas relações com os outros e o próprio mundo. Como estrutura permanente do indivíduo, se proveio de uma relação narcisística primária positiva, há amor por si mesmo e pelos outros que o capacita a enfrentar as múltiplas perdas no processo de envelhecimento.

Adler, após romper com Freud em 1956, forma seu próprio grupo da psicologia individual. Nega o que chamou em Freud o princípio da causalidade e assume o princípio do finalismo. “Só o objetivo final pode explicar a conduta humana” (*finalismo de ficção*). No entanto, para ele o homem não neurótico é capaz de enfrentar a realidade sem tal ficção. O que mais nos chama atenção em Adler são as suas mudanças, ao longo de seu exercício profissional, para o que acreditava impulsionar o homem no sentido de sua auto-realização: primeiro, poder e domínio, que compensariam o sentimento de inferioridade em algum grau comum a todos, depois, um interesse social inato. Adler chega a acreditar que motivos egoístas ou altruístas moveriam o homem na busca de sua auto-realização mas jamais pode ver e unir essas polaridades como movimentos de

um mesmo homem. Não consegue descolar do pensamento linear embora rompa com causa e efeito pelo *finalismo de ficção* (Hall & Lindzey, 1973, p. 137-149).

Hall & Lindzey (1973, p. 329-369) nos mostram que os teóricos da personalidade que classificam como organísmicos (da teoria organísmica) como Goldstein (1948), Angyal (1941), Maslow (1954), Lecky (1945) todos estes também falam do potencial humano na busca de sua auto-realização e escapam de um desenvolvimento humano amarrado ao princípio da causalidade. Angyal (Apud, Hall & Lindzey, 1973, p. 350) chega a falar da inseparabilidade do sujeito e do objeto quando idealiza sua estrutura da personalidade (*Biosfera*) *inseparabilidade esta* que Goldstein não chega a conceber. Mas Angyal coloca sujeito x objeto dentro de um mesmo construto que chamou biosfera, não os vendo como momentos da construção, realização de uma mesma potência como aqui pretendemos colocar. Maslow (1967) faz uma pesquisa de campo e descreve as formas de comportamento dos auto-realizados, fornece o que poderíamos chamar de mapeamento dos auto-realizados, mas, além de sua hierarquia das necessidades humanas, assim como Lecky, não fornece nenhum modelo ou estrutura de desenvolvimento.

Se considerarmos a teoria organísmica como reação ao dualismo corpo x mente e ao behaviorismo estímulo-resposta, incluiríamos aqui Freud, Jung, e a maioria absoluta das teorias psicológicas. No entanto, não é nosso propósito expor aqui a grande diversidade das teorias psicológicas, mas apenas estabelecermos alguns limites destas teorias e algumas diferenças entre essas e a que aqui começaremos a desenvolver.

O *núcleo atômico* de Jung - *Self* - é inato e totalidade absoluta da psique, é potência, podendo emergir de maneira insuficiente ou se desenvolver de maneira quase completa, segundo o autor. No entanto, como centro organizador da psique e não propriamente das ações do homem no mundo, “*é organizador ou fonte das imagens oníricas*” e sua externalização no mundo

dependerá “*dos desejos do ego de ouvir ou não as suas mensagens*” oníricas e simbólicas (Jung, “O Homem e seus Símbolos”, p. 161-162).

Para Jung, há um meio que gera perturbações que são assimiladas de acordo com as estruturas internas de cada indivíduo. Há em cada homem um interior que contém o exterior, ou melhor ainda, contém potencialmente a experiência de toda a humanidade, que é para Jung o *inconsciente coletivo*. A grande diferença está na forma como o homem se conhece e de como pode realizar sua potência no mundo. Para nós, o homem se conhece e é capaz de se auto-realizar através de suas ações concretas no mundo; para Jung, o homem se conhece quando pode escutar seu interior, *self*, através de sonhos e símbolos; portanto, através de sua subjetividade.

Dos poucos teóricos que, como Jung, descrevem todo o ciclo vital, Erik Erikson é um dos mais citados por gerontólogos e geriatras e, por isso, escolhemos nesta dissertação analisar mais detalhadamente aspectos de seu ciclo vital referentes ao idoso.

3. 2 Erikson, uma visão teórica relevante e suas limitações na análise do indivíduo idoso

Erik H. Erikson, um dos poucos teóricos a descrever o ciclo vital até a terceira idade, torna-se relevante em nossa análise. No entanto, cabe aqui uma análise da forma como Erikson vê o idoso e de como, na dialética aqui posta, esse mesmo idoso é visto. De onde tal diferença fundamentalmente emerge?

Numa análise epigenética das fases psicosssexuais freudianas, Erikson faz uma boa análise do desenvolvimento humano até a adolescência. Partindo da epigênese, admite um plano básico e, por isso, diz:

É importante compreender que, na seqüência das experiências mais pessoais, pode-se confiar que a criança saudável, dado um montante razoável de orientação adequada, obedecerá a leis internas do desenvolvimento, leis essas que criam uma sucessão de potencialidades para a interação significativa com aquelas pessoas que a abordam e lhe respondem e aquelas instituições que estão a postos para ela (...) Portanto, pode-se dizer que a personalidade se desenvolve de acordo com uma escala predeterminada na prontidão do organismo humano para ser impelido na direção de um círculo cada vez mais amplo de indivíduos e instituições significantes (...) (Erikson, 1976. p. 92).

Há um plano básico, por isso não se tem aqui um tábua rasa onde a cultura simplesmente modela a sua presa. Segundo Erikson (1976, p. 96), “é tão acertado dizer que os bebês controlam e criam suas famílias, como o inverso”. Ele descreve então o desenvolvimento de um ser que não absorve passivamente o social, mas que, desde muito cedo também, é capaz de modificar todo o contexto social no qual está inserido.

Partindo não apenas de casos individuais, mas da observação de diferentes culturas, Erikson é capaz de unir o desenvolvimento pessoal com o desenvolvimento do grupo.

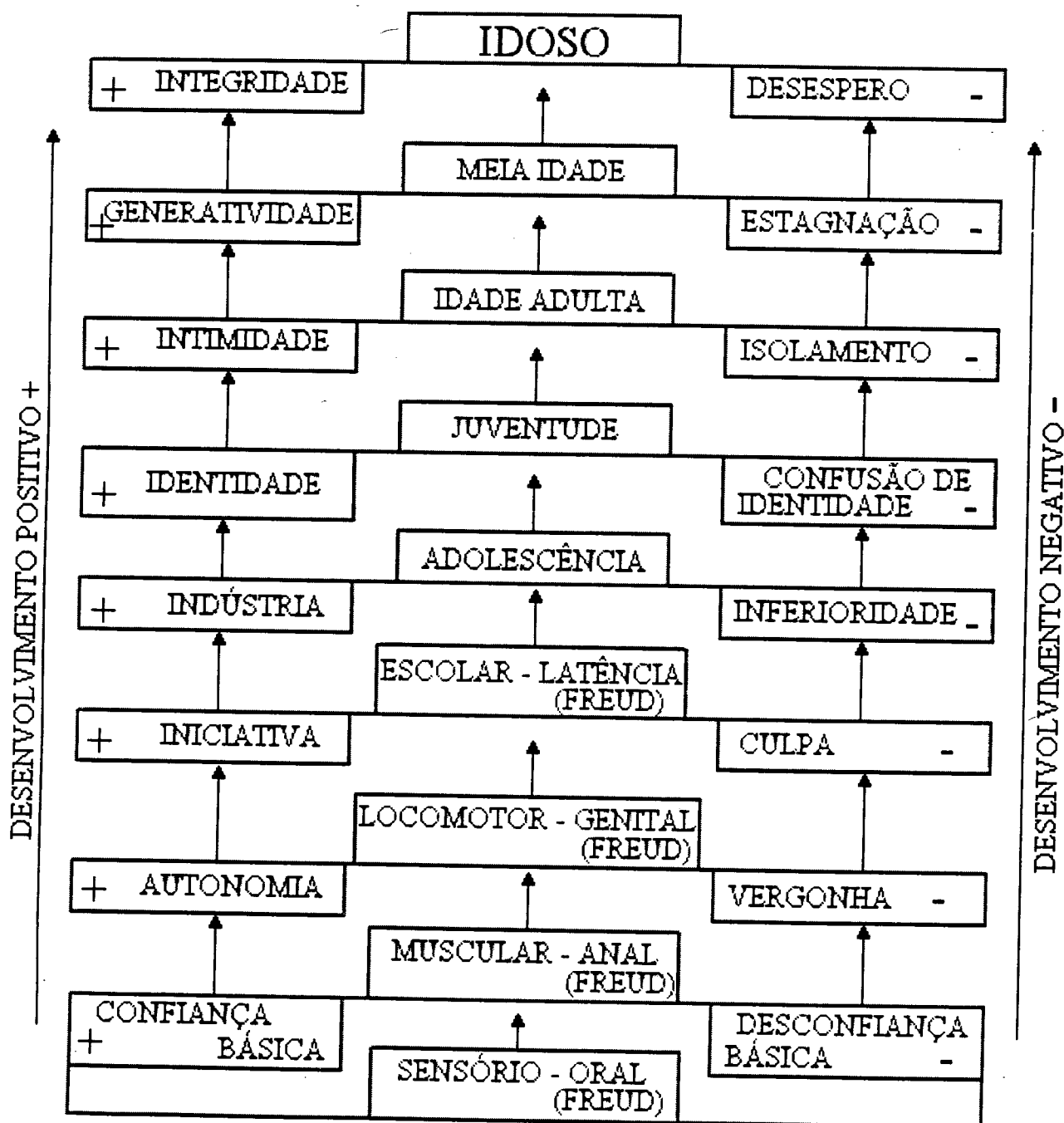
A presença de um bebê exerce um sistemático e persistente domínio sobre as vidas exteriores e interiores de todos os membros de uma casa. Dado que esses membros devem se organizar para adaptar-se à sua presença, eles também têm de se desenvolver como indivíduos e como grupo. (Erikson, 1976, p. 96).

Este ser que aqui aparece é capaz de transformar seu próprio meio, não sendo, desde muito cedo, passiva vítima de seu meio. Parece ter, em potência, o mesmo germe anteriormente aqui descrito. Há até mesmo a junção do individual com o grupal. Mas, onde, então, aparecem as diferenças tão fundamentais, particularmente quando Erikson fala do idoso na 8ª fase do ciclo vital?

Há um plano básico, mas não uma potência, que se realiza construtivamente num meio no qual ela se limita e é condicionado. Há uma carga genética e uma cultura que evolui de forma conjunta e entrelaçada. Mas não há um centro epistemológico, que urge sempre por se realizar no mundo, numa construção permanente motivada por sua vontade, paixões, desejos, etc. , que interna e independentemente constrói coordenações de ações que, neste momento, enquanto idéia, têm total liberdade. Sendo esta potência infinita e ilimitada, podendo conter o passado e o futuro, é eterna, invariante, mas se põe no tempo que se torna história e, independentemente da idade do indivíduo, sempre tem a possibilidade de realização e urge por se realizar.

A ênfase na cultura, conferida por Erikson, seu uso da lógica evolutiva que amarra o bem estar de uma etapa do ciclo vital na resolução positiva das etapas anteriores, condena o idoso que não evoluiu, somando as resoluções positivas a um fim drástico (desespero). Como a vida biológica é finita, o desespero estaria ligado à falta de tempo para refazer todo o caminho de volta; sem dúvida, a influência da lógica psicanalítica é aqui desastrosa.

As oito fases do ciclo vital descritas por Erikson apresentam conflitos internos e externos, suportados pela personalidade vital. Da resolução de tais conflitos entre qualidades positivas e negativas depende todo o processo evolutivo. As oito fases podem ser assim resumidas:



Adaptação esquemática retrada do quadro-resumo nº 01 p.72 apud Ferreira 1978.

Na perspectiva mecânica de causa e efeito, bem evolutiva, não há potência da forma aqui apresentada e, - mesmo que pudéssemos supor sua existência - ao se realizar no mundo, esta permaneceria apenas na mera negatividade posta (trabalho concretizado, relações, filhos, etc.), que perpetua o indivíduo finito, reduzindo assim a angústia de sua finitude.

Erikson (1976, p. 13), apesar de toda sua preocupação com o significado global quando critica definições de identidade de outros autores dizendo: "(...) eles designam algo tão limitado para fins de medição que o significado global se perde e poderia perfeitamente chamar-se de outra coisa, (...)”, também perde sua visão do global, quando parte do particular para o universal, e cai na enumeração interminável de atributos que findam por inviabilizar uma definição clara da própria integridade, na 8ª fase do ciclo. Sendo então obrigado a afirmar que, “na falta de uma definição clara” (Erikson, 1976, p. 139), assinalará apenas alguns atributos desta fase mental.

Sua análise da vida adulta, seguindo a racionalidade evolutiva de causa e efeito e sem a existência de paralelo na estrutura psicosssexual freudiana, torna-se pobre, além da carecer do elemento simples, da organização (que teoricamente refletimos no conceito simples). O termo integridade sugere um fim de ciclo, já que etimologicamente significa qualidade do que é íntegro, inteiro, completo, como se aí ficasse limitado, o que, mais uma vez, demonstra a pura enumeração de atributos. Aliás, todo o esquema é uma mera enumeração de atributos colhidos ao sabor de suas leituras e afinidades pessoais. A inflexibilidade do completo, acabado, gera uma acomodação passiva, uma fatalidade mórbida. Daí, no continuar a enumerar atributos para definir integridade, Erikson (1976, p.140) dizer: “é a aceitação pela pessoa de seu único ciclo vital e daqueles que se tornaram significantes para ela como algo que **tinha de ser** e que, necessariamente não permite substituição”. (grifo nosso).

Brink (1983, p. 63 - 64) já constatava em sua prática clínica com idosos a pouca utilidade do que chamou “modelo de Erikson” e afirmava: “A psicologia central dos últimos anos de vida não é uma meditação sobre os últimos 30 e tantos anos, mas a depressão reativa, ativada por eventos do **passado recente**”. (grifo nosso). Para reafirmar a sua restrição ao “modelo de Erikson”, Brink cita as críticas de Butler (1964) a Erikson e seu “modelo”:

Sua experiência com pessoas de meia-idade e idosas é bastante escassa, e suas concepções populares da generatividade versus estagnação, e da integridade versus desespero não se sustentam em minha experiência clínica e na pesquisa com pacientes de meia-idade e nos últimos anos de vida”. (Butler, apud Brink, 1983, p. 64).

Ao contrário, aquele que a si retorna, no ilimitado, no conceito simples e universal, no centro epistemológico, e aí se determina, aquele que se constrói, jamais se esgota; é, enquanto *sujeito*¹, sempre capaz de operar mudanças em si e no mundo, jamais conformado como alguém cujo passado determina a qualidade de sua existência, mas como alguém que se vê como construtor e mantenedor de toda a rede de relações e estruturas que o cerca, e que não só vive intensamente o presente, como é capaz de projetar seu futuro.

¹ Ver a categoria sujeito predicado à página 37.

4 O DEVENIR DA IDENTIDADE

4. 1 A importância de uma visão dialética ou da unidade do diverso

“Queremos, antes de mais, ter uma visão global de uma floresta para, só então, conhecermos as árvores singulares (...)”
(Hegel, 1991, p. 77).

É necessário conhecer primeiro o que é universal, a unidade simples do diverso, a totalidade em potência para depois conhecer a cada indivíduo em particular. Desta forma, buscar o conceito simples, aquele que é unidade na diversidade e que, por isso, é comum a todos, constitui o caminho adequado e a forma mais racional de evitar divagações desnecessárias e trajetos enganosos. Ora, poderíamos dizer, desde já, por exemplo, que o idoso efetivou e produziu em si uma grande variedade de elementos estruturais e ações funcionais.

Em outras palavras, o “eu” do idoso, inicialmente muito simples, encontra-se agora como que desdobrado numa vasta rede estrutural de ações tão funcionais que lhe garantiu a permanência da vida além da média esperada. É essa rede já estabelecida, mas jamais fixa, que buscamos descrever. Uma vez adequadamente confirmada, esta rede apresenta a flexibilidade necessária à adequação permanente a novas situações internas e externas. Entendemos por

flexibilidade a capacidade criadora do “eu” de fazer os reajustes necessários e efetivos das ações enquanto se realiza no mundo.

Utilizando-se, como sugere Hegel, a analogia de uma floresta e suas árvores, a floresta é a totalidade das árvores, e representa ela o germe único que irá compor as diferentes árvores da floresta. Buscamos, então, o germe, a semente, aquela que brotará nos diferentes indivíduos, mas que, em si, em potência, como puro conteúdo sem forma, já contém toda a diversidade no germe, na semente. Como as árvores em particular, em sua infinita diversidade, podem confundir e afastar o investigador do cerne da floresta, por exemplo, o ser idoso, com a mesma ilimitada diversidade, pode também levar o investigador a se perder em suas diferentes facetas e jamais chegar ao germe, à semente única, simples e universal.

Queremos, antes de mais, ter uma visão global de uma floresta para, só então, conhecermos as árvores singulares. Quem primeiramente se vira para estas (árvores singulares) e apenas a elas se atém, não abarca a floresta inteira, perde-se e confunde-se nela. (Hegel, 1991, p. 77).

A vontade, a intuição, a percepção, são determinações da substância do “eu”, mas juntas não abarcam todo o conteúdo da potência. Sendo a unidade ilimitada e infinita, e sendo limitadas no mundo as diferentes formas por ela determinadas, jamais, mesmo que reunidas, poderiam chegar a compor tal unidade, pois nunca o que é limitado poderá vir a dar conta do ilimitado. Assim, por exemplo, é relevante analisar as pressões sociais sofridas pelos idosos, as perdas físicas, sociais e psicológicas, mas essa análise pode distanciar o investigador da unidade, do centro da questão.

Afastando-se os investigadores da semente, do germe, fatalmente chegam apenas a intermináveis enumerações de atributos ou a meras comparações de formas que continuam carecendo de unidade, de um centro de

funcionamento que as determine e ao qual Hegel denomina de conceito simples ou universal concreto singular. O próprio Erikson reconhece a impossibilidade de conceituação quando fala de integridade (integridade x desespero, relacionados com a 8ª fase do ciclo vital, que corresponde ao do idoso).

Na falta de uma definição clara, assinalarei alguns atributos desta fase mental. É a garantia acumulada da propensão do ego para a ordem e o significado (...). É a aceitação pela pessoa de seu único ciclo vital (...). (Erikson, 1976, p. 139-140).

A enumeração de atributos é uma prática metodológica equivocada, que, quanto mais enumera, mais se afasta do objeto, sendo, sem dúvida, o fator preponderante que leva o cientista a se perder na pura diversidade, distanciando-se do conceito simples ou da unidade do diverso.

Voltar-se imediatamente para o particular, para os fatos observáveis, e fixar-se nele como se fosse todo o possível a ser estudado é, então, perder-se na infinita variedade do ser idoso, é confundir-se em “conceitos” vazios de conteúdo, que enumeram atributos intermináveis ou comparam formas diversas.

O estudo que se consolida, ou melhor, tenta se consolidar apenas pela pura fenomenologia é vazio de conteúdo. Ao contrário, o conteúdo ou, como diz Hegel, o conceito, resiste ao tempo, enquanto as formas históricas passam, mudam no tempo. O conceito simples é o que dá identidade ao elemento que se estuda, no caso, o idoso, incluindo-o numa classe de seres; é o invariante que, no entanto, determina e regula o processo de diversificação ou desenvolvimento no tempo e no espaço.

4. 2 O centro de funcionamento - a identidade

Aqui não buscamos a totalidade da psique como fez Jung, mas interessa-nos detectar a totalidade das relações objetivas capaz de manter a coerência interna e externa independentemente de idade cronológica. O centro que queremos detectar contém potencialmente a história do homem, sem se restringir a ela. É histórico quando rompe a carapaça do em-si (da pura potencialidade) e se instala na evidência do para-si (da ação no mundo); é histórico também quando atinge a etapa da reflexão sobre este desenvolvimento² no tempo e no espaço.

Ora, o conteúdo, a unidade, a identidade ou a totalidade do homem em qualquer idade é o que queremos “detectar”. O núcleo vivo coordenador de toda ação humana livre e pensante é, também, ao mesmo tempo que único, imediatamente universal e concreto. Ele é universal por estar sempre presente e determinar todas as formas e é concreto por ser real. Ele é também único enquanto se distingue de outros universais. Pode estar apenas em potência ou realizado nas suas determinações necessárias e, nestas condições, determina a identidade ou classe de ser. Como tal, é comum a todos os seres da mesma classe. Assim, o idoso tem em si a mesma identidade da criança ou do adulto; apenas sua determinação específica ou qualidade difere deles enquanto formas do mesmo homem. Esta qualidade específica, por sua vez, pode assumir formas diferentes: adequadas e congruentes ao centro de funcionamento, a identidade do indivíduo. A tendência do centro de funcionamento é a de manter a identidade a mais adequada possível a si mesmo.

Buscamos, então, o centro de funcionamento do sistema, o sujeito epistemológico de toda a rede de estruturas onde também o idoso possa se

² Desenvolvimento e reflexão são melhor explicados nos itens: o que é desenvolvimento e a categoria sujeito e predicado, página 34 e 37.

realizar. Aquele, mesmo quando se realiza em diferentes formas, pode ser identificado como único e universal. Denominamos este centro de funcionamento como sujeito epistemológico, como “eu”, como “espírito”, seguindo nisto a tradição de Hegel e Piaget.

Ora, o “eu” do idoso, apesar da longa história de realizações ou determinações, tem muito a fazer para realizar suas imensas potencialidades, que na vida de trabalho não foram realizadas ou simplesmente foram adiadas. Podemos considerar este “eu” como se fora uma “pura potência”, para fins analíticos.

Podemos dizer que a maioria das pessoas se aposentam sem ter realizado sequer a milésima parte deste potencial. O trabalho vinculado para manutenção da vida familiar e pessoal freqüentemente nos obriga à renúncia de alguns sonhos, desejos, em troca da realização de outros objetivos mais urgentes naquele momento. Certa vez ouvimos a seguinte declaração de um idoso: “gostava muito de pintar, freqüentei até escola de arte, mas me apaixonei. Queria casar e constituir família. Para isso, tive que deixar a pintura por um bom tempo e tornar-me um bem sucedido burocrata. Hoje, já aposentado, completo minha aposentadoria com a venda de meus quadros. A arte, o contato com os “marchands” e outras pessoas preenchem minha vida e me fazem sentir plenamente realizado”. Como vemos, o potencial artístico (o “eu em-si”), as construções internas e externas que possibilitaram as realizações artísticas anteriores (o “eu para-si”), o próprio treinamento, permaneceram como que adormecidos, mas jamais se extinguiram, antes aguardaram a primeira possibilidade real, concreta, para se colocarem de forma plena, madura, enriquecida.

Tanto o “eu em-si” ou o “espírito em-si”, puras potências, como o “eu para-si” e o “espírito para-si” já realizado da pessoa (no caso, o idoso) formam um sistema fechado, fechado por não ser determinado pelo meio externo, já que é

autofundante, autodeterminado, por ter constituído uma fronteira entre o eu e o meio ambiente, que o distingue deste. No entanto, como é no meio externo que se realiza, é também por ele condicionado, mas jamais determinado; adiado, jamais extinto. As condições aqui são circunstâncias dadas ou criadas, que facilitam ou dificultam a concretização, externalização formal da unidade ou identidade. Os condicionantes externos também dependem dessa estrutura (identidade) para o atingirem, por isso apenas condicionam, mas jamais determinam as ações.

Aqui, o “espírito” ou o “eu”, o centro epistemológico, é o determinante de todas as ações, mas, diferentemente do *self* (totalidade psíquica), forma o centro epistemológico construtivo de todo o sistema de ações e estruturas criadas, realizadas. Diferente de um sistema parcialmente fechado, no sistema fechado aqui proposto não há uma ação causal externa direta. Maturana e Varela, em “El Árbol del Conocimiento”, quando falam da atividade neuronal, falam de um sistema assim (fechado).

Qué estados de actividad neuronal son gatillados por las distintas perturbaciones, está determinado em cada persona por su estructura individual y no por las características del agente perturbante. (Maturana e Varela, 1991, p. 10).

O “eu”, segundo Hegel, é a referência, a identidade do ser humano. Torna-se mediador de si mesmo na concretização de formas no mundo dado, ao mesmo tempo que é também autofundante, autodeterminado, isto é, inerente à própria vida. O “eu” como determinante das mesmas e de outras formas no mundo é, assim, ao mesmo tempo senhor e escravo³ de si mesmo. É senhor enquanto por si determina e coordena todas as ações do sistema, mas é também escravo de si mesmo enquanto mediador (operário, médico, pintor, ator ou produtor).

³ Na categoria sujeito predicado página 37, isso fica mais claro.

O “espírito” como unidade simples inerente à vida que se auto determina realiza-se na criação de organizações de ações internas e criação de estruturas de ações no mundo dado. É essencialmente universal enquanto conteúdo de toda humanidade viva e, neste sentido, pressupõe uma infinita capacidade de desenvolvimento. Por isso, é também determinante de todas as ontogênias das mais diferentes formas de ser. Segundo Etges (1995, gravação de orientação semanal em 95/2), “ontogênica por ser a história das transformações estruturais de uma unidade e ter seu lugar no espaço material, nas formas”.

Chamamos aqui de reflexões os múltiplos movimentos do “eu em-si” em direção à realização desta potência no mundo dado, e reflexão da reflexão o retorno ao sistema de origem. A unidade ou totalidade, realizada, concretizada como negativo de si mesmo, não se perde no concreto, no limitado, na forma determinada e real, e a si retorna, permanece, então, idêntica a si mesma ilimitada e infinita no conceito, na unidade simples. Porém tende sempre a se realizar em todos os indivíduos em toda sua concretude, em todas as idades - ainda que assuma por momento de seu desenvolvimento formas alienadas “incompletas”.

É desta unidade simples, por ser ela única e comum a todos, que se deve partir para se delinear formas sempre possíveis de realização do ser idoso. Mas como seria isso possível frente a todas as limitações, físicas, sociais e psicológicas, enfrentadas pelo idoso, senão pela construção permanentemente possível do homem sujeito, autopoietico. Para tanto é necessário que seja explicado o que é desenvolvimento e o que é ser sujeito e predicado para, então, entender a infinita e ilimitada potência que não tem idade, uma vez que, a qualquer tempo, pode transpor seus limites e, até mesmo na fragilidade, na limitação, encontrar a possibilidade de sua realização. Assim, o idoso, como em qualquer outra idade, sem dúvida, poderá ser detentor de uma identidade posta,

reconhecida e real, mas jamais fixa, posto que, ao longo da vida, permanece sempre em desenvolvimento.

4. 3 O que é desenvolvimento?

O desenvolvimento, visto aqui pela ótica de Hegel, é o desdobramento do centro de funcionamento do sistema, ou seja, é o abrir-se do que estava dobrado, do que era apenas “em-si” (potência) para o “para-si” (realidade efetiva); mais que isso, é a luta entre a realização da verdade do “espírito”, do “eu” e a sua própria tendência à externalização ou objetivação de si no mundo. Esta externalização, porém, passa por momentos de alienação⁴. Distingamos.

O desenvolvimento que na natureza é um tranqüilo desabrochamento, no Espírito é uma dura luta interminável contra si mesmo. O Espírito realmente se esforça por atingir seu próprio ideal, mas o esconde de si mesmo e se orgulha e tem prazer nesta alienação de si mesmo”. (Hegel, 1990, R. H. p.106).

O “em-si” é a possibilidade verdadeira, mas que urge por se concretizar em formas determinadas de ser, é a potência ilimitada e infinita que, trasbordante de conteúdo, carece de forma para realização de sua verdade. Assim, necessariamente tem de negar sua infinitude e ilimitação, e subsumir ativamente toda riqueza e limitação do meio externo, rompendo assim com seu estado indefinido primeiro e construindo uma nova organização interna. Nessa internalidade, enquanto ainda não se realiza externamente, já tem em si a externalidade, isto é, teria em si uma estrutura de ações capaz de interagir com o mundo externo: é o escravo. Mas ainda não é externo. Tem em si a determinação, mas ainda não é determinado. Ainda germe, tem em si toda a

⁴ Ver 2º e 3º parágrafo do item alienação e aposentadoria, página 36.

liberdade da idéia e, assim como contém em si determinações, ele é mediador de si mesmo.

É, segundo suas vontades, desejos, interesses, paixões, que o homem concretiza sua potência nas formas limitadas e finitas de ser no mundo. Então, necessariamente passa por momentos de alienação, ou seja, ao se determinar em papéis sociais (trabalhador, pai, mãe, avó, avô, cidadão, etc.) ou em um objeto qualquer (um livro, uma obra de arte, etc.), necessariamente permanece aí por algum tempo, podendo ser ele confundido e fixado em sua própria criação. Passa assim a depender ou das leis da natureza, ou das vontades alheias.

Por outro lado, é justo neste espaço limitado e finito em que o “eu”, pode exercer sua liberdade, que pode conhecer a sua essência e o próprio mundo. Neste momento ocorre uma objetivação por assim dizer em segunda potência (n^o) e esta objetivação se torna independente e é capaz de atuar até contra os interesses do “eu” / senhor ou sujeito. Esta objetificação em segunda potência é o que Etges identifica como a alienação (marxiana). Ela seria total se o homem fosse puramente um somatório finito de elementos finitos, de atributos finitos “à la Erikson”. Seria total porque tal finitude nunca seria capaz de perceber a diferença de uma totalidade que ele não seria. Deixar-se-ia ficar como uma pedra jogada ao curso das forças naturais externas no lugar em que foi jogado. O infinito do desejo (do “eu”) nunca para numa realização finita, nunca se satisfaz e tendencialmente busca adequar o mundo à sua infinitude. A alienação ou objetificação na segunda potência se lhe aparece como limitação, como barreira a ser transposta. O “eu” não pode se perder neste objeto. Assim, é enquanto finito (nos papéis sociais, etc.) que pode cada vez mais conhecer a si mesmo, ou seja, saber-se ele mesmo livre. É essa liberdade que dá sentido e significado a esse desenvolvimento permanente. Quanto mais conjuntos de ações põe, mais liberdade efetiva vai criando.

Por outro lado, os elementos finitos em que nos objetivamos nunca poderão fixar na imutabilidade coisa alguma a longo prazo justamente por serem finitos, limitados. Neste sentido a possibilidade, - mais - a necessidade - de superação da alienação sempre está presente nesta relação do homem com o mundo natural e com o mundo social. Necessidade porque o universal, o infinito nega necessariamente esta negação e a si retorna por força de sua energia.

Assim, vemos a congruência não como mera coincidência do interno com o externo, já que aqui não há separação desses dois mundos, mas como realização, naquele momento, plena e reflexa, de seu centro de funcionamento, de sua própria verdade. Há aqui, também, flexibilidade, possibilitando o exercício pleno de uma diversidade de papéis. Flexibilidade no sentido de poder encontrar-se plenamente em diferentes papéis, permanecendo neles apenas o necessário para sua realização.

Por outro lado, no nível do vivido, do vivenciado, permanece a possibilidade de desenvolvimento incongruente que seria o desenvolvimento alienado, ou seja, aquele em que o agente da ação (no caso o idoso) não se vivencia como fonte criadora e controladora da ação. Tendo sido seduzido e escravizado por sua própria criação, confundido, desconhece-se em suas próprias realizações, passando a ter suas ações determinadas apenas pela estrutura do papel já realizado, torna-se inflexível. Inflexibilidade aqui é a incapacidade de autodeterminação pela fixação em um determinado papel.

Usaremos sempre, nesta dissertação, o conceito de papéis expressado de diferentes maneiras por J. L. Moreno em toda sua obra e muito bem sintetizado por Gonçalves, Wolff e Almeida (1988, p. 68): "papel é a unidade de condutas interrelacionais observáveis, resultante de elementos constitutivos da singularidade do agente e de sua inserção na vida social".

Lembramos, no entanto, que aqui não estaremos fazendo uma análise psicológica, com o uso de apenas essa categoria moreniana, mas uma análise epistemológica construtiva e, assim sendo, o papel, neste trabalho, se restringe a expressar a singularidade, particularidade do “centro de funcionamento”, do “eu”.

4. 4 As categorias sujeito e predicado

Falar do sujeito e do predicado é outra forma de exprimir a relação entre princípio de ação e ação ou ações postas.

O sujeito é o ser que se constrói e se exprime de alguma forma através de suas ações, do seu trabalho. Predicado é a produção-expressão do sujeito, é o sujeito realizado, posto em suas obras e realizações internas e externas. Tal fato, no entanto, não ocorre sem peripécias e obstáculos. O homem sujeito, como diz Fausto, “vem à existência mas ainda não existe” (1987, p. 27). É potencialmente sujeito, mas, para ter existência real, necessita negar sua infinitude e ilimitação, romper com a indeterminação primeira, subsumir o mundo, transformando a si mesmo e ao mundo para realizar-se no mundo finito e limitado; sair de si, correr riscos, expor-se, assumindo obrigatoriamente papéis determinados, seu outro “eu” (médico, professor, pintor, operário, etc., meros negativos de si-mesmo), é o que chamamos de reflexão e, em seguida, ser capaz de retornar à potência, sendo aí novamente ilimitado e infinito, é o que chamamos de reflexão da reflexão, consciência de si (não psicológica, mas ontológica). Conscientemente o pensamento é universal.

O tornar-se, o permanecer como sujeito, depende dessa capacidade de retorno à potência após seu desenvolvimento em cada predicado. É importante ressaltar que o retorno é o retorno das particularidades em que se determinaram para seu “eu”, centro epistemológico, enquanto consciência, pensamento. Ele se

sabe universal e age como tal. Só desta forma será senhor de si e do mundo enquanto espírito, autofundante, autodeterminado, racional.

Como diz Hegel, podemos dizer que esse mesmo homem é *senhor* de si e do mundo por conter toda essa potência, por ser ele o construtor, o determinante de todas as suas ações no mundo. No entanto, enquanto para isso encontra a limitação e finitude deste mesmo mundo, podemos dizer que é aí também *escravo*, porquanto restrito a papéis sociais ou materializado em um objeto ou obra determinada. Assim, o sujeito enfrenta sua dualidade intrínseca: a de ser *senhor* e de ser *escravo* ao mesmo tempo. *Senhor* de si mesmo e do mundo, quando autofundante, autodeterminado; e *escravo*, quando para sua existência real necessariamente tem de passar pelo predicado, encontrando-se aí limitado pelos papéis exercidos e servindo através deles como médico, professor, pintor, operário, etc., ao senhor, a si mesmo e a todas as construções e estruturas assim criadas.

Como podemos notar, o ser sujeito implica movimento, ação permanente, um devenir ininterrupto. É a luta constante da capacidade humana de transformar o meio através de seu trabalho. Mas é justo aí em seu trabalho, exercendo uma profissão qualquer, ou no pleno exercício de seus papéis no mundo, que o homem necessariamente permanece como predicado, como momento de seu desenvolvimento.

Assim, no limitado e determinado predicado onde concomitantemente o homem constrói sua história ou a história do mundo, é que corre seu grande risco de ser atraído, confundido e enfeitiçado por sua própria construção. Consumido como *predicado*, não retornando à sua própria fonte, torna-se apenas escravo de estruturas por ele mesmo construídas, mero negativo de si mesmo, mero *predicado*. Mas como predicado, por mais “perdido” que esteja, o homem sempre de alguma forma é potencialmente Sujeito. Nesta situação não perde a condição de Sujeito, isto é, de ter a possibilidade de ser causa de si mesmo. Portanto aí

mesmo, é capaz de agir como causa. Ele reconstrói a parte de volta para o sujeito que o construiu.

Resumindo: é então, saindo de si (potência), da infinitude, do ilimitado, negando essa plenitude, que, na finitude e limitação do mundo, o homem, senhor e escravo, pode ter existência real através de cada predicado. É nesta negatividade que ele torna concreto o que era apenas potência. É contraditório, mas real, que seja justo nesta finitude que o próprio “espírito” infinito encontre sua liberdade.

No retorno penosamente construído, na consciência / pensamento é que o “espírito”, o “eu” sabe-se livre, sendo portanto aí *sujeito* de si e do mundo com plena flexibilidade de ação. É, então, capaz de a cada momento assumir diferentes papéis sociais, em toda sua plenitude, sem confundir-se, aderir-se, resumir-se a nenhum deles, embora também se reconheça em cada um dos papéis determinados, ou objetos, ou obras determinadas. Temos aqui um ótimo conceito de *autonomia*: o idoso *autônomo* é o idoso sujeito, autopoiético, autodeterminado.

Para Benoit (1985) “autonomia representa a possibilidade para a pessoa de realizar as principais atividades de sua vida diária, sem ajuda (sejam elas do domínio físico, mental, social ou econômico), bem como de adaptar-se ao seu meio ambiente. Representa também a capacidade e direito de uma pessoa de poder selecionar para si as regras de conduta, a orientação de seus atos e o risco que se dispõe a correr. (Apud, Gonçalves, 1992, p.)

Aqui *autonomia* ultrapassa a mera adaptação ao meio, a mera independência ou dependência física, a mera seleção de regras de condutas ou orientação de atos externos. Aqui o idoso *autônomo* constrói e age dentro das estruturas por ele mesmo criadas. É o idoso que constrói e mantém, até mesmo contrariando o próprio meio, suas relações familiares, suas relações de amizade

e os diferentes papéis pelos quais transita na realização de sua própria essência, de sua própria verdade.

4. 5 Pode o idoso ter paixão e fazer história ou é seu destino resignar-se com a passividade?

4. 5. 1 A realização do sujeito individual e a universalidade da paixão humana

A realização do sujeito individual segue processos diferenciados segundo os interesses mais diversos. Faz habitação, pontes, estradas; na agropecuária, domina os animais e a vida vegetal produzindo alimentos; na indústria, produz milhares de produtos de consumo intermediário como máquinas e complementos, e de consumo final. No campo do saber, reproduz o conhecimento já constituído e produz novos conhecimentos.

Estes campos de ação são todos expressão da inteligência humana. Hegel prefere falar em “razão do homem”; é que por inteligência ou entendimento ele entende apenas a inteligência formal e suas lógicas formais. Mas a razão abarca mais e produz outros campos de ação que não o meramente formal. A razão põe a arte nas suas mais variadas expressões. A razão põe em funcionamento o direito, a moral objetiva que se manifesta na política e encarna no Estado, ampliando, diversificando a maneira de expressão da riqueza humana.

Mas ainda segundo Hegel, a razão cria relações interpessoais, cria novos valores, novas instituições sociais, novas regras do jogo. Sigamos mais de perto este desenvolvimento. Para o idoso alguns campos de ações tendem a se estreitar mais que outros; os esportes onde a velocidade e agilidade física prevalecem tornam-se inacessíveis ao idoso. No entanto, vemos que, nas artes, assim como nas produções intelectuais e criativas, o espírito humano se revela na história independentemente de idade e possíveis preconceitos. Hegel (1990, R. H. p. 64) afirma, “A história do mundo é a exposição do espírito em luta para chegar ao conhecimento de sua própria natureza”.

Para Etges (1995), o espírito de Hegel é o centro de funcionamento ou a razão hegeliana, comum a todos, sendo desta forma que falamos aqui do espírito.

Segundo Hegel, é o espírito que busca e tem em si as condições de conhecer a sua natureza.

(...) o Espírito conhece a si mesmo. Ele é a capacidade de discernir de sua própria natureza e, ao mesmo tempo é a operação de chegar a si mesmo, de se mostrar, de tornar-se (realmente) aquilo que está em si (potencialmente). (Hegel, 1990, R. H., p. 64).

Hegel (1990, R. H., p. 66) afirma que “a liberdade em si é o seu objetivo e o propósito único do Espírito. Ela é a finalidade última para a qual toda história do mundo sempre se voltou”. Mas, é necessário entendermos o que é consciência para Hegel, para melhor entendermos o que é liberdade. Hegel (1969, v. III, p. 49) mostra que “A consciência constitui o grau de reflexão ou da relação do espírito enquanto aparição”. Assim todo o desenvolvimento do “espírito”, do “eu”, ocorre através de suas reflexões, de sua realização no mundo. Por isso diz Hartman (1990) que sendo o homem essencialmente espírito, quanto mais este se desenvolve:

(...) mais ele se torna consciente de si mesmo, mais ele se torna ele mesmo - ou seja, livre”. (...) “A matéria tem sua substância fora de si e o Espírito, por outro lado, está sendo em si mesmo e é precisamente isto que é liberdade”. (...) “A liberdade, como o Espírito, é dinâmica, ela

progride dialeticamente contra seus próprios obstáculos. Ela jamais é dada, deve-se lutar para obtê-la". (Hartman, 1990, introdução de Hegel, 1990 R. H. p.25 - 26).

Como diria Cora Coralina, a poetisa brasileira que publica seu primeiro livro aos 76 anos, é carregando pedras, abrindo brechas contra a própria tendência à adaptação cômoda ao meio e aos fetiches de sua própria obra que, contraditoriamente, ao sermos temporariamente limitados nos diferentes predicados, somos realmente livres. Nessa luta o "espírito", como é racionalidade e conseqüentemente possibilidade real, autoconstrução, sendo em si a própria idéia da liberdade, autopoiese, compreende-se através de sua realização na história.

Seguindo primordialmente seus interesses, talentos e paixões, é que a vontade humana move a ação. Hegel constata que na história os motivos altruístas aparecem raramente, enquanto motivos egoístas são fartamente encontrados.

É verdade que este drama envolve também objetivos universais - benevolência ou nobre patriotismo, virtudes e objetivos estes deveras insignificantes no vasto quadro da história. (...) Paixões, objetivos particulares e satisfação de desejos egoístas são, ao contrário, formidáveis motivos de ação. (Hegel, 1990 R. H., p. 66 - 67)

Hegel, na mesma obra e páginas, verifica ainda que mesmo das melhores intenções, vê-se surgir o vício, a ruína, a corrupção. No entanto declara:

(...), como esta decadência não é obra da natureza simples, mas da vontade humana, nossa reflexão pode muito bem levar-nos a um pesar moral, uma repulsa pela vontade boa (o espírito) (...). (Hegel, 1990 R. H., p. 67).

É justamente neste equívoco que o budismo pensa encontrar a solução na eliminação da vontade humana, esquecendo-se de que eliminando-se a

vontade, elimina-se o próprio motor da realização do “espírito” e/ou do “eu”, elimina-se o homem.

Entretanto, até mesmo os motivos egoístas podem atuar segundo a lei da autoconstrução: ser autocentrado num momento - ou seja, estar voltado para si - e, ao mesmo tempo ser universal, enquanto sua ação é atrelada às necessidades do desenvolvimento histórico de toda a humanidade; é o que Hegel chamou de paixão.

Nada de grandioso no mundo foi realizado sem paixão (...). Usarei, portanto, a palavra “paixão” para expressar a particularidade de um caráter até onde suas vontades individuais não tenham apenas um conteúdo especial, mas proporcionem também a força que age e dá impulso a feitos de alcance universal. (Hegel, 1990, R. H., ps. 69 - 70).

Por outro lado, esses mesmos motivos, quando movidos pela “paixão” hegeliana, vinculam-se às necessidades do desenvolvimento histórico, têm a infinitude e ilimitação do universal e realizam as necessidades e objetivos de todos.

Na realização das paixões hegelianas temos a junção da idéia, infinita e ilimitada, e da forma que se apresenta, neste momento, através dos objetivos pessoais. Nesta união do particular com o universal, podemos ter o que chamamos de congruência com a nossa própria essência, harmonia, como diz Hegel, conosco mesmos. Nessa junção com o universal, não só somos congruentes, harmônicos conosco mesmos, mas poderíamos ser capazes da construção de um mundo mais justo, com menos vício, ruínas, corrupção. Talvez por isso afirme Hegel (1990, R.H., p.77) que “todos devem ativar esse conteúdo universal que há em si”, já que “através dessa atividade se mantém o conjunto da vida ética”.

É ainda necessário que esse espírito, essa racionalidade, se realize em estruturas sociais que vão exprimindo, cada vez mais, a sociabilidade, a vida propriamente política. Que, assim, suas leis sociais expressem essa racionalidade universal, condicionando a atividade da vontade humana, já que nada podem fazer enquanto interna e primeiramente tiver a completa liberdade da idéia como pensamento. E assim, as estruturas sociais abrigar toda a autonomia do homem, toda autonomização dele.

Voltando às paixões humanas - não as pequenas paixões, mas a paixão hegeliana geradora de atividades universais - justo tais paixões, em sua capacidade de intensificar interesses em um só objetivo, freqüentemente embora contraditoriamente, desvelam laços entre as necessidades do desenvolvimento histórico e de seus próprios interesses, entre a necessidade geral e pública e o interesse privado, pessoal.

Não há qualquer demérito no simples fato de a realização de um homem coincidir com a sua causa. Jamais nenhum homem conseguiria se mover tão determinada e inalienavelmente, se a sua causa não fosse a própria expressão de sua idéia, de sua autonomia. E só desta forma é capaz de convencer multidões, que, tendo em si a mesma idéia, os mesmos carecimentos, o seguem apaixonadamente.

4. 5. 2 O idoso na história

Mas tal paixão, como tudo que vem do “espírito”, desse centro epistemológico, não tem idade. Assim o homem idoso também pode construir novas coordenações de ações que, por sua vez, viabilizam estruturas materiais capazes de transpor limites físicos e busca ativamente as formas determinadas de sua realização; vemos isso incansavelmente na própria história:

Mohandas Karamchand Gandhi, o grande líder espiritual hindu, tinha **sessenta anos** quando, em 1930, conduziu uma passeata por mais de **trezentos quilômetros** em repúdio ao imposto sobre o sal lançado pelo governo britânico. Aos **setenta anos**, iniciou uma **greve de fome**, exortando os principados hindus a empreender reformas democráticas. Dois anos mais tarde, o mahatma encetou o movimento para expulsão dos ingleses da Índia, o que causaria a independência do país, um ano antes de ser assassinado. (Comfort, 1979, p. 86, grifo nosso).

Arthur Rubinstein tinha **oitenta e nove anos** quando deu um dos mais brilhantes recitais do Carnegie Hall de Nova York. Em consequência de um grave problema ocular, sua visão enfraquecida não lhe permitia enxergar com nitidez as notas musicais ou as teclas do piano; contudo recorrendo unicamente a sua memória, continuava tocando melhor que nunca". (Comfort, 1979, p. 168, grifo nosso).

Bertrand Russell, filósofo inglês (...) Em 1960, com a idade de **oitenta e oito anos**, demitiu-se da Cruzada pelo Desarmamento Nuclear para organizar seu próprio grupo, o ativíssimo Grupo do 100 (...) **noventa anos de idade**, desempenhou a função de mediador durante a revolução Cubana e durante o conflito territorial entre a China e a Índia (...) Russell descreveu em poucas palavras todo seu pensamento: "Minha vida foi norteada por três paixões simples, porém avassaladoras: a ânsia pelo amor, a busca do conhecimento e **uma lancinante compaixão** pelos sofrimentos da humanidade. (Comfort, 1979, p. 66, grifo nosso)

Como vemos, nem mesmo os tão ressaltados limites físicos, citados largamente na literatura geriátrica, são capazes de impedir a realização de um "espírito apaixonado". O que vemos na história nos comprova que o "espírito" não tem idade, apenas tem formas e determinações diferentes. Baltes (1994), em sua revisão e estudos sobre *Envelhecimento cognitivo: Potencialidades e Limites*, postula uma dessas formas bastante interessante que chamou de *Otimização Seletiva com Compensação* (Margret Baltes e Baltes, 1980, 1990). Nessa ocasião, Baltes expressava seu contentamento em estudar o envelhecimento humano de forma diferente das tradicionais e afirmava:

Esta terceira ênfase permite-me ampliar o tema do envelhecimento cognitivo de seus limites tradicionais e incluir em minhas considerações aspectos cognitivos do self, do autodesenvolvimento e do autocontrole". (Baltes, 1994, p. 25)

Baltes afirma também a existência de apenas mais três modelos semelhantes e anteriores ao seu, mostrando quão pouco se pesquisa nesta direção. Vendo o desenvolvimento como um processo de ganhos e perdas, postula essa forma de envelhecimento com *Otimização Seletiva com Compensação*. Podemos entender facilmente esse modelo no exemplo citado por Baltes e Baltes (1980, 1990), através da resposta do grande pianista Rubinstein, quando perguntado, numa entrevista de televisão, como fazia para tocar tão bem apesar da idade:

1) com a idade, passou a tocar um número menor de peças, 2) passou a praticar com mais frequência cada peça, 3) passou a introduzir ralentados um pouquinho antes de certos trechos mais acelerado da peça, de modo que estes soassem mais rápido do que na realidade eram tocados. Aí estão exemplos de seleção, (menos peças), otimização (mais prática), e compensação (aumento do uso de contraste na velocidade). (Baltes, 1994, p. 37).

5 O IDOSO: O ESTIGMA E A APOSTA INSTITUCIONAL NA DEPENDÊNCIA E NO FRACASSO

Como vimos no capítulo anterior, temos na história um vasto exemplo da grande força das realizações de inúmeros idosos. Por que, então, a exacerbação social de suas fragilidades e deficiências em atributos tão fortemente depreciativos quanto “velho gagá”, “velho lixo”, “velho trapo”, etc.?

5. 1 A construção e função social do estigma do idoso

Goffman (1980, p. 11) nos informa ter sido o termo ‘estigma’ criado pelos gregos, que, em rituais, marcavam corporalmente pessoas que deveriam ser socialmente evitadas: uma espécie de proteção social de algum mal proveniente dos marcados. Ao mesmo tempo, nos adverte de que culturas diferentes ou grupos diferentes estabelecem também esquemas de valores diversos que ditam o seu padrão de normalidade, tornando indesejável ou estigmatizado todo aquele que fugir ao padrão preestabelecido. Portanto diz Goffman:

A área de manipulação do estigma, então, pode ser considerada como algo que pertence fundamentalmente à vida pública, ao contato entre

estranhos ou simples conhecidos, colocando-se no extremo de um continuum cujo pólo oposto é a intimidade. (Goffman, 1980, p. 62)

O padrão normal em nossa sociedade ainda é o jovem. O idoso é o não normal e deve ser excluído das funções “básicas” da vida social. Além disto, a exclusão social do idoso tem a função de proteger a sociedade de uma perda abrupta de alguém muito significativo; um bom exemplo deste fato foi a morte de Tancredo Neves quando então se elegia presidente do Brasil. Vista como fase terminal da vida por todos os teóricos do ciclo vital, torna-se também a fase que lembra a finitude humana, nada interessante para o sistema produtivo. Ariès (1977), em *História da Morte no Oriente* (p. 58 - 59), falando das mudanças na forma social e pessoal de se encarar a morte, afirma que, não se podendo obter lucro com o dramático e temido fim, voltava-se, na época pós-industrial, para o rápido e lucrativo consolo dos vivos, e à busca da supressão de tudo que pudesse lembrar a morte.

Falando dessa imagem negativa socialmente construída em relação ao idoso, Salgado afirma:

O século atual recebeu e desenvolveu essa imagem negativa, sobretudo a fragilidade biopsíquica e a decadência. Isso aconteceu exatamente numa época em que crescia a moral que valorizava os homens pela sua força física e capacidade de produção. Como resultado, a importância social dos idosos e as funções sociais a eles atribuídas se tornaram praticamente inexpressivas. (Salgado, 1988, p. 4)

5. 2 A linguagem de relações

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso. (Goffman, 1980, p. 13).

É o próprio Goffman que afirma a necessidade de uma linguagem de relações para que os atributos ganhem significado. E para entendermos melhor essa linguagem de relações ele cita o exemplo de um criminoso que, ao entrar em uma biblioteca pública, perto de onde morava, confessa:

Lembro-me de que, mais de uma vez, por exemplo, ao entrar numa biblioteca pública perto de onde morava, olhei em torno duas vezes antes de realmente entrar, para me certificar de que nenhum de meus conhecidos estivessem me vendo. (Goffman, 1980, p. 13).

No meio acadêmico, no entanto, o ato de entrar em uma biblioteca teria conotações de valor e jamais nos esconderíamos para não sermos vistos entrando em uma biblioteca. Fica claro que a conotação de valor ou desvalor é dada pelos valores dos grupos de inserção social do indivíduo ao qual se confere algum atributo. Vemos que, no contexto relacional do criminoso, o ato de entrar em uma biblioteca era certamente repleto de significados pejorativos.

Neste caso, fica evidente que a confirmação dos atributos do estigma é pertinente à linguagem relacional do grupo de inserção social do criminoso, onde suas realizações de transgressão encontram respaldo. Ele nutre e mantém tais relações, que certamente, em algum momento, foram ou permanecem sendo expressão de suas próprias idéias, de sua identidade.

No caso do idoso, os atributos de “velho gagá”, “velho trapo”, “velho lixo”, facilmente vinculados à descrença em sua capacidade produtiva, também necessitam de uma linguagem relacional que os confirme. Há uma aposta no fracasso, um convite à acomodação passiva na nulidade de sua existência. Comfort, para demonstrar a capacidade produtiva do idoso, oferece-nos um bom exemplo desta aposta social no fracasso do idoso.

*Harold e Bertha Soderquist se uniram ao Peace Corps em 1974; na ocasião, ele contava oitenta e ela, sessenta e seis. Registrados como os mais velhos da corporação, foi-lhes atribuída a tarefa de lecionar em uma escola secundária na Samoa Ocidental. **Muito embora o Peace Corps não pusesse muita fé na capacidade para o ensino de línguas dos voluntários maiores de cinquenta anos**, os Soderquist não deixaram cair a peteca no exame de admissão. Fomos para casa e estudamos às pressas, explicou Bertha. Tanto eu como meu marido conseguimos passar com louvor, (Comfort, 1979, p. 152, grifo nosso).*

Vemos aqui que entre os integrantes da Peace Corps a linguagem relacional exprimia uma descrença, uma aposta no fracasso do casal, que era sentida e notada por todos. No entanto, tal descrença não encontra eco na linguagem relacional também transmitida pelo casal em questão: “fomos para casa e estudamos às pressas”, explicava Bertha. “Tanto eu como meu marido conseguimos passar com louvor”. De outra forma Hegel (1990, R. H., p. 69) também afirma, “nada portanto acontece, nada é realizado, a não ser que os preocupados com a questão encontrem sua satisfação nela”.

A satisfação dos Soderquist era lecionar, e não necessitavam de mais nada, além do espaço que pleiteavam, para poderem realizar seus desejos, suas paixões, etc. Não teriam sequer buscado e lutado por tal situação se não acreditassem em sua própria capacitação para o cargo. Do contrário, diz Goffman (1980, p. 20), “a criatura estigmatizada usará, provavelmente, o seu estigma para “ganhos secundários”, como desculpa pelo fracasso a que chegou por outras razões”. E para ilustrar tal afirmação Goffman (1980, p. 20), cita Baker & Smith (1939):

Durante anos, a cicatriz, o lábio leporino ou o nariz disforme foram considerados como uma desvantagem, e sua importância nos ajustamentos social e emocional inconscientemente abarcava tudo.

Essa desvantagem era o “cabide” no qual o paciente pendurava todas as insuficiências, todas as insatisfações, todas as protelações e todas as obrigações desagradáveis da vida social, e do qual veio a depender não somente como forma de libertação racional da competição mas ainda como forma de proteção contra a responsabilidade social. Quando esse fator é removido por cirurgia, o paciente perde a proteção emocional mais ou menos estável que ele oferecia e logo descobre, para sua surpresa e inquietação, que a vida não é tão fácil de ser levada, mesmo pelas pessoas que têm rostos “comuns”, sem mácula. Ele está despreparado para lidar com essa situação sem o apóio de uma “desvantagem”, e pode se voltar para a proteção menos simples, mas semelhante, de padrões de comportamento de neurastenia, conversão histérica, hipocondria ou estados de ansiedade aguda. (Baker & Smith. 1939, apud. Goffman. 1980, p. 20).

Voltando aos Soderquists, possíveis fracassos anteriores e medo de serem reprovados poderiam levá-los a usar a descrença para fugirem de suas próprias responsabilidades cívicas. Assim são os chamados “ganhos secundários”: justificam-se os próprio fracassos não aceitos socialmente por outros motivos, como o estigma socialmente respaldado. A simples e cômoda “vitimização” do estigmatizado confirma o estigma, mas cada Soderquist prova a necessidade de uma linguagem interna condizente com os atributos do estigma para que este possa ser efetivado.

Ou melhor, nas estruturas de ações do Peace Corps permeava a descrença em pessoas de mais de cinqüenta anos para o ensino de línguas, descrença esta que ao ser subsumida pelas estruturas de ações dos Soderquists - onde não havia tal descrença - “fomos para casa e estudamos às pressas”, - gera uma nova e imediata estrutura de ações - explicou Bertha, “tanto eu como meu marido conseguimos passar com louvor”. A reação contrária aos atributos do estigma também estabelece mudanças, por sua vez, na coordenação de ações do Peace Corps.

5. 3 A exclusão e inclusão social do idoso

Podemos fazer um paralelo da exclusão social da mulher com a exclusão social do idoso. Baudrillard (1929) comenta a respeito da Fábula de Bettelheim, em *Feridas Simbólicas*:

(...) os homens erigiram seu poder e suas instituições apenas para contrariar os poderes bem superiores da mulher. Não é a inveja do pênis o motor; ao contrário, é o ciúme do homem pelo poder de fecundação da mulher. Esse privilégio da mulher é imperdoável; era preciso inventar a qualquer preço uma ordem diferente, social, política e econômica masculina, onde esse privilégio natural pudesse ser diminuído. (Baudrillard, 1929, 1992, p. 23).

Assim também a vasta evidência, na história, de um grande número de notáveis e produtivos idosos também necessita de uma ordem diferente, social, política e econômica que se realiza na estigmatização do idoso, mais que isto, na aposta institucional, na dependência e no fracasso do idoso. Como diz Etges,

(...) uma organização assistencialista não apenas rotula, mas constrói, em cada comportamento dos agentes, a estrutura comportamental (coordenação de ações) do fracasso da impotência. Ela é o buraco negro que implode as ações do idoso. (Etges, 1995 / 2, anotação de orientação semanal).

Embora toda esta estrutura ainda impere em nossa sociedade, já há sinais de possíveis mudanças. Salgado (1985) nos informa que, nos últimos anos, os crescentes aumentos da população idosa, com o conseqüente aumento de eleitores idosos, junto com a diminuição da população jovem

levam a uma revisão do papel social dos velhos, sob pena de as nações estarem obstaculizando o processo de desenvolvimento. A imagem estereotipada da velhice tende a ser substituída por uma representação mais positiva. (Salgado, 1988, p. 5).

Vemos então que o mesmo avanço da ciência e tecnologia que reduz o mercado de trabalho, excluindo alguns de seus segmentos, inclusive o idoso, também constrói estruturas capazes de aumentar a expectativa de vida, reduzir a natalidade e promover a crescente inversão de toda pirâmide populacional, possibilitando a inclusão política, social e econômica deste mesmo idoso excluído. Tais mudanças estruturais, não só alteram imagens (estigmas), mas obrigam novas coordenações de ações, novas estruturas, condizentes com a nova pirâmide populacional.

Alguns dos muitos exemplos de idosos notáveis são citados abaixo:

Franz Liszt, compositor e pianista húngaro do século XIX, maior virtuose de sua época, realizou uma tournée pela Europa em 1886, quando tinha setenta e quatro anos, dando um série de brilhantes recitais até duas semanas antes de sua morte.(Comfort, 1979, p. 179).

*Charles Darwin, o célebre naturalista inglês, fez muitas descobertas científicas quando já contava com idade avançada, apesar de toda a oposição exercida pela opinião pública e de intermitentes problemas com a saúde. (...). **A origem das espécies**, publicado em 1859, quando tinha cinquenta anos, concluiu **A Origem do homem** aos sessenta e dois anos e, um ano mais tarde, **A expressão das emoções no homem e nos animais**. Mesmo após sofrer um ataque cardíaco em 1873, não abandonou suas atividades de pesquisador científico e escreveu, dentre uma série de outros livros, **O poder de movimento das plantas**, isto aos setenta e um anos".* (Comfort, 1979, p. 147).

Charles de Gaulle contava sessenta e oito anos quando, em 1958, retomou o poder, sendo considerado então o único homem capaz de evitar uma guerra civil na França durante o movimento pela independência da Argélia. Foi presidente da República até 1969, ano em que abandonou seus compromissos políticos. Continuou escrevendo suas memórias até sua morte, aos oitenta anos de idade. (Comfort, 1979, p. 144).

Golda Meir declarou estar concluindo sua carreira política de quase meio século quando em 1974, época em que contava setenta e cinco anos, renunciou ao cargo de primeiro-ministro de Israel, que ocupara durante cinco anos em meio a duas guerras no Oriente Médio. Em 1976, todavia, foi solicitada para presidir um conselho encarregado de reestruturar o partido trabalhista. (Comfort, 1979, p.127).

Podemos imaginar, com boa margem de acerto, que nenhum destes idosos sentiria-se bem freqüentando grupos ou muitas das instituições brasileiras que trabalham com pessoas idosas. Provavelmente sequer sentem qualquer discriminação por idade, pois são em primeiro lugar sujeitos e cidadãos do mundo.

6 INSTITUIÇÕES E INDIVÍDUO IDOSO

“Eterno engano do humanismo das luzes, que visa a liberar o sexo servil, as raças servis, as classes servis nos próprios termos de sua servidão.” (Baudrillard, 1929, 1992, p. 23).

Quando algum movimento externo a uma classe de pessoas as quer proteger, apenas a estas servindo, com os meios e condições que lhe são próprios e que fazem a sua miséria, esse movimento de ajuda social corre o grande risco de afirmar fortemente a sua superioridade e sutilmente a inferioridade do ajudado.

A origem do Serviço Social no Brasil é assistencialista. Hoje, teoricamente, o Serviço Social rompe com essa origem, enquanto sua prática se mantém freqüentemente fiel a ela. Os trabalhos e serviços estruturados no Brasil para a população que envelhece, apesar de multiprofissionais, na área de Gerontologia Social, são freqüentemente dirigidos ou coordenados por profissionais da área de Serviço Social, que ainda expressam essa dicotomia entre as teorias da atual academia e sua prática. Nestas instituições, podemos claramente ver a luta dos que trabalham promovendo a autonomia do sujeito (o

idoso) e os que, freqüentemente, contrariando seu próprio discurso, tornam-se verdadeiros guardiões de uma lei e de uma ordem inflexível, onde não há espaço para o exercício de qualquer autonomia. Essa cisão teoria x prática e sujeito x objeto, bem própria do “humanismo das luzes”, como chamou Baudrillard, vem nos confirmar o impasse insolúvel do discurso e da prática linear de causa exterior e efeito na resolução destas questões.

Assim, a maioria dos trabalhos em gerontologia social propostos para o indivíduo idoso apresenta um leque de alternativas, com papéis predeterminados, que, por mais vastos que sejam, repetem o mesmo modelo social da proteção, sendo, portanto, fortemente alienantes. É o mesmo idoso que, antes de sua aposentadoria, se engajava neste ou naquele papel em uma indústria ou firma qualquer, a qual lhe conferia um determinado *status* social, que hoje, como participante de um programa de ação gerontológica, assume do mesmo modo uma variedade de papéis que também momentaneamente lhe confere *status*. O lazer programado, a dança, a viagem, as brincadeiras, o artesanato apenas adquirem significado artificial que só se mantém naquele grupo dependente. Fora daí, pela falta de conexão social destes grupos fechados, segregados, tais atividades não conferem ao idoso qualquer significado social. Não é a viagem, a dança em si que estamos aqui contestando, mas a forma como se estrutura a ação gerontológica. Fala-se muito da capacidade e autonomia do idoso, mas as ações dos técnicos que deveriam confirmar tal discurso se concretizam nas ações de sábios iluminados, que, detendo o saber gerontológico, dirigem as ações dos idosos que assim se tornam dependentes, rebeldes ou desertores de um programa que não lhes convém.

Igualmente temíveis são as pequenas linhas de produção, onde o idoso fabrica pequenos objetos que são vendidos em benefício do próprio idoso ou de alguma instituição beneficente. Novamente não é a fabricação, deste ou daquele objeto, e sim a forma mecânica da ação não dirigida pelo idoso, mas por técnicos que determina cada passo da ação.

A própria exclusividade do trabalho para um determinado grupo, o idoso, fechado às demais gerações, sob a desculpa de garantir um espaço maior para esta faixa etária, finda fazendo o mesmo movimento de segregação social e novamente repetindo o mesmo modelo que tanto condena. A mensagem que este comportamento emite é a de que o idoso realmente é um caso perdido para sempre, e que, se ele ainda quiser algum alívio para a sua terminalidade, é melhor que se submeta em tudo à lógica desta instituição.

Trabalhos maravilhosos se perdem e se fragmentam nesta ilusão de dar autonomia ao idoso, quando autonomia não se dá: é conquista batalhada, e por vezes sofrida do próprio idoso, que se constrói sujeito na ação autodeterminada, autodirigida. Frequentemente o técnico sequer aceita ou tem consciência de seu próprio modelo autoritário, de seu próprio medo de perder o controle da ação que jamais deveria ser sua, mas do próprio idoso.

Se antes da aposentadoria, o equilíbrio emocional do idoso se sustentava no *status* conferido pelo papel profissional exercido, agora, do mesmo modo, ele se sustenta emocionalmente nos papéis que a instituição lhe oferece; é um novo estado de dependência, uma nova alienação, com momentânea sensação de bem-estar: *“nunca me senti tão bem”*, enquanto permanece no programa. No entanto, o fim do programa frequentemente marca o fim do seu fictício bem estar, já que nada pode construir além de uma nova e momentaneamente prazerosa dependência.

Assim, assistimos, em algumas destas instituições, à ação de técnicos que promovem o exercício da liberdade, da autonomia, ao lado da ação daqueles que geram a dependência, em nome, muitas vezes, da lei e da ordem fixa, preestabelecida e cristalizada. Donos de um saber socialmente conferido, direcionam e lideram o projeto que apenas ficticiamente é do idoso, que, por sua vez, passivamente aceita mais uma vez os fáceis, seguros e cômodos papéis,

delimitados e fixos. Não há espaço para criação do próprio idoso, não há espaço para o exercício de ações autodeterminadas, não há liberdade, não há como se sentir criador quando se é apenas direcionado.

Já aqueles profissionais que promovem a liberdade, a autonomia, abrem espaço para o idoso, incentivam, acreditam e fornecem os códigos, os conteúdos para reflexão madura de cada indivíduo idoso. Não têm um projeto fixo, pré-determinado, possibilitando a cada idoso o exercício necessário de criar e gerir o seu próprio projeto. Eles apostam no idoso, que aqui se realiza num determinado predicado e se reconhece no mesmo, sabendo-se também capaz de novas criações, de engendrar, sempre que necessário, novas estruturas de ações, construir e reconstruir sua própria existência.

Neste capítulo, apresentamos o idoso como indivíduo aposentado, afastado de seus papéis profissionais. É interessante, no entanto, analisarmos um pouco a relação do homem com seu trabalho, sua tendência à alienação nos papéis determinados e sua natural luta por auto-realizar-se, e é isso que veremos no próximo capítulo.

7 TRABALHO / APOSENTADORIA

ALIENAÇÃO / REALIZAÇÃO

7. 1 O trabalho e a aposentadoria

“Há apenas dois tipos de pessoas que se sentem felizes com o ócio da aposentadoria: os que sempre foram preguiçosos e os que esperaram toda uma vida para poder, finalmente, se dedicar a um interesse concreto que estudaram, prepararam e planejaram, só lhes faltando tempo disponível para por em prática o plano” (Comfort, 1979, p. 41).

Quadros depressivos e desajustes psíquicos de diferentes ordens freqüentemente eclodem ou recrudesçam após o processo de aposentadoria. Por todo o mundo, espalham-se os chamados PPA (Programas de Preparação para a Aposentadoria) na tentativa de minimizar ou extinguir os efeitos deletérios do afastamento do homem de seu trabalho. Podemos entender melhor tais programas e posições se entendermos o trabalho como o entende Marx:

O trabalho é a expressão própria do homem, uma expressão de suas faculdades físicas e mentais. Nesse processo de atividade genuína, o homem desenvolve-se a si mesmo, torna-se ele próprio; o trabalho não é só meio para um fim - o produto - mas um fim em si mesmo, a expressão significativa da energia humana. (Apud Fromm, 1983, p. 48)

É a atitude dirigida com o fim de criar valores de uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição necessária do intercâmbio material entre o homem e a natureza; é condição natural eterna da vida humana, sem depender portanto de qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas as suas formas sociais. (Marx, 1989, p. 208).

Como vemos, é através do trabalho que o homem se realiza no mundo, que o homem é no mundo, é a forma como o homem se constrói enquanto se realiza e transforma o mundo. Berto e Galeno (1992), ao afirmarem que o homem vive a contradição de sonhar em viver sem trabalhar e buscar sua realização neste mesmo trabalho, apontam soluções, propondo não ser o trabalho a única atividade que dignifica a razão de viver, e que o exercício da criatividade poderia ser um veículo do alcance dessa liberdade. Novas formas de trabalho não poderiam conter esta liberdade e criatividade pretendida? Berto e Galeno parecem ver o trabalho ainda apenas mecanizado e não criativo, já que propõem a criatividade como algo externo ao trabalho. Na verdade a evolução do próprio trabalho em direção à criatividade está cada vez mais aparente; na verdade, ele hoje depende cada vez mais de um pensamento criativo.

O homem livre do trabalho repetitivo e mecânico pode ainda tornar-se mais escravo da máquina, mas pode também libertar-se dela e do trabalho que passa a ser feito por ela em direção a um trabalho cada vez mais criativo e desafiante, que exige iniciativa e capacidade para absorver mudanças frente às novas exigências postas. O homem capaz de construir a máquina e programá-la é também senhor do tempo e de seu próprio universo; consciente de seu próprio domínio sobre o universo, preocupa-se em preservá-lo, pois somente a si poderá atribuir sua própria responsabilidade.

A inevitabilidade de um número cada vez maior de pessoas excedentes em relação a um número cada vez menor de empregos disponíveis obrigará a sociedade a uma nova organização social. Em nosso país, nota-se a crescente busca de bolsas de estudo para as várias e crescentes pós-graduações existentes e a recente criação do salário- desemprego, o que parece indicar que outros mecanismos sociais haverão de surgir em resposta ao crescente desemprego. O jornal O Estado de São Paulo publica em 29/08/93 matéria intitulada "Mundo dos Ricos Tem Mais Desemprego", mostrando que cada vez se produz mais com um percentual cada vez menor de força de trabalho. Tal fato obriga uma nova visão de homem e de mundo. Sendo fruto do desenvolvimento do trabalho, por outro lado, também impõe uma noção ampliada do próprio trabalho humano, trabalho este que se põe numa tela, numa obra de arte e que, saindo de nossas entranhas, se mostra e retorna a nós como novo estímulo, novas formas, novos sentidos de vida.

A educação como pura reprodução cada vez mais se torna morta; vigora agora o ato de pensar, de aprender a aprender, de criar e tomar novas decisões, já que a competitividade do mercado de trabalho assim o exige. Mas faz-se urgente a volta ao estudo dos clássicos capazes de dar substância ao pensamento e às novas criações.

Tudo isto é fruto da lógica posta no desenvolvimento do próprio capital, que gradativamente cria condições para a modernidade e para novas formas de trabalho. Na modernidade, temos a flexibilidade, que deixa suas amarras tradicionais para assumir caráter diferente, ao invés de limitar-se à reinterpretação da tradição, como no período pré- moderno; na modernidade, ela é instalada na base da produção do sistema, como diz Giddens (p. 45), "de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si". Giddens diz ainda que

(...) a reflexibilidade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas à luz de informações renovadas sobre estas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter. (Giddens, 1991, p. 45).

Há uma radicalização da revisão das convenções em todos os aspectos da vida humana, e tais fatos, em grande parte, provêm do que Giddens chamou de globalização, que ele define como:

(...) a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes, de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice versa. (Giddens, 1991, p. 69).

De tal maneira isto ocorre que qualquer pequena localidade não poderá mais ser estudada sem a consciência destas influências. Tal processo provoca uma inevitável separação de tempo e espaço, assim como seus esvaziamentos. Podemos ver neste momento o que ocorreu ou o que ocorre em lugares muito distantes. Tal fato tem o poder de desconectar fatos sociais de seu "contexto localizado" (p.58), provocando o "desencaixe". Giddens (1991, p. 29) define "desencaixe" como o "deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo - espaço".

Novos reencaixes são feitos à luz da globalização. Aqui já não há lugar para nada que seja fixo como a tradição. O homem produz conhecimento ao mesmo tempo que o conhecimento o produz.

Neste mecanismo de desencaixe e reencaixe, o sistema de confiança e riscos se altera. Os referenciais no filtro da globalização tornam-se diferentes. Já não confiamos naquele determinado médico, mas no sistema de saúde do país. Relações e valores aí se alteram e imprimem novos pesos e coloridos a todas as relações sociais. Onde se alteram os vínculos altera-se também a forma como se firmam e como se constrói a própria personalidade humana. Tudo passará pelo

crivo da globalização. Sendo assim, na modernidade, há processos mais ativos de auto-identidade, que são históricos, culturais e não naturais.

Marx, Durkheim e Max Weber (apud Giddens, 1991, p. 17) denunciam o trabalho industrial moderno como maçante, repetitivo e, assim, destruidor da personalidade humana. Mas, através de Marx, podemos verificar que, ao mesmo tempo, o lado negro também traz em si o seu contrário; as condições postas exigem um trabalho cada vez mais intelectual, uma educação mais reflexiva, exigindo o desenvolvimento pleno do pensamento, atingindo a sua capacidade e liberdade de pensar sobre o pensar. E sem dúvidas podemos dizer:

O trabalho realiza efetivamente suas determinações quando se transmuta em trabalho intelectual, quando o trabalho manual é substituído pelas máquinas e o homem aí se insere como sujeito que domina todo processo da ciência. (Etges, 1993, P. C. I., p. 3).

O homem deixa de ser objeto para ser sujeito. O trabalho deixa de ser limitante e neurotizante para ser pleno. Agora o homem é capaz de criar, executar e avaliar sua própria criação, que, por sua vez, estabelece novas condições, novas criações. O homem põe-se no mundo através de seu trabalho, e não apenas sofre mecânica e repetitivamente suas conseqüências. Ele cria e ao mesmo tempo é criado pela flexibilidade imediata de sua própria obra. Um trabalho assim criativo requer cada vez mais um trabalhador autodeterminado, autopoietico. Capaz de construir sua própria estrutura de ação e por ela ser também confirmado. Assim, mesmo institucionalmente aposentado, sua atividade social pode e deve continuar plena, pois o novo patamar do trabalho liberta-o da força física, que fatalmente decai, transportando-o para um plano de trabalho onde tal declínio é no mínimo inoperante.

Sendo a confusão de identidade (entre a própria identidade do papel construído pelo agente e a identidade do papel social preestabelecido) uma das

graves causas do processo depressivo em aposentados, viúvos e deficientes físicos, no próprio trabalho intelectual, artístico e físico, haveria condições para estruturação e manutenção de uma identidade reflexiva, pela manutenção de um centro epistemológico operante, mesmo que enfrentando perdas significativas. Como fonte viva, e potencialmente capaz de se realizar no mundo em qualquer tempo, existindo sempre enquanto existe a vida humana, esse centro epistemológico pode permitir ao homem buscar novos significados para sua vida em qualquer idade. Sendo também capaz de buscar ativamente as condições externas necessárias, já que internamente determinado e apenas externamente condicionado, o homem é capaz de transcender as limitações físicas, de transcender o tempo, a própria idade cronológica humana. Há maior uniformidade intergeracional dentro de uma diversidade também maior. Então, como diz Etges (1993, p. 22) em *Trabalho e Conhecimento*, mesmo "quando se entregam ao lazer serão capazes de construtiva vida social". Tal lazer também terá se tornado uma nova forma de trabalho e de ser trabalhador.

Partindo de um centro epistemológico, um centro coordenador de ações internas e externas do indivíduo em direção à sua realização no mundo, chega-se também a uma nova e abrangente noção de trabalho. Etges (1994, p. 51) define assim trabalho: "conjunto de ações coordenadas, internas e externas, e que produzem as estruturas sociais ou materiais".

7. 2 Alienação e aposentadoria

Uma vez posto no mundo, o homem ao mesmo tempo luta por sua própria liberdade e tende a acomodar-se no fetiche exercido pelos papéis sociais, pelos objetos, instituições, etc., por ele construído. Um bom exemplo disto é a própria burocracia: uma vez criada pelo homem passa a dirigi-lo e, quanto mais acionada mais ela se distancia em sua própria e independente estrutura de ações. Pois ela foi criada para agir como autômato, para facilitar as relações entre os homens. Mas a burocracia pode nos consumir e escravizar, da mesma forma

que também pode nos proteger e racionalizar ações. Todo produto do trabalho humano, como a mercadoria, a burocracia, as empresas, o Estado, tem vida, caminha sozinho seguindo a racionalidade própria. Portanto, o produto pode enfeitiçar e aprisionar seu criador, tornando-o alienado de si mesmo. Alienação “significa que o homem não se vivencia como agente ativo de seu controle sobre o mundo, mas que o mundo (a natureza, os outros, e ele mesmo) permanece alheio ou estranho a ele” (Marx, apud Fromm 1983, p. 50). Alienado é aquele homem que, em lugar de controlar seu mundo circundante, é controlado por ele. É a mercadoria, é o capital, é a burocracia, é a família, etc., como senhor, sujeito do homem confundido, perdido na limitada, mas viva, necessária e concreta estrutura das ações, de sua própria criação não mais reconhecida como sua.

O alienado pode até encontrar-se psicologicamente compensado, equilibrado, imediatamente satisfeito com seu papel no mundo e nem se dar conta de sua alienação ontogênica. No entanto, tem seu próprio bem estar dependente do papel social preestabelecido. Dependente e comandado pelo papel, também não tem flexibilidade adaptativa fora deste, e tanto mais haja mudanças no meio externo, tanto maior será a defasagem entre as exigências do meio e suas capacidades de resposta satisfatória.

Na aposentadoria, quando o papel central que ele exerceu anteriormente é esvaziado, o aposentado pode facilmente perder o equilíbrio psíquico até então alcançado ainda que na alienação. No entanto, seu centro epistemológico permanece potencialmente operante e, a qualquer momento, se acessado adequadamente (segundo os seus próprios códigos), tende a ativar ações congruentes (consigo mesmo). Portanto, chama a si um hiato, quiçá enorme, entre o que ele acabou se tornando e o que poderia realizar. A tensão objetiva se manifesta entre outros estados na depressão psicológica.

Em atendimento psicológico, observávamos donas de casa que perdiam o papel de mãe (papel central de sua vida até então) pela saída dos filhos já

adultos de casa, e chegavam ao consultório apresentando um quadro depressivo. Com o treinamento e desenvolvimento de novos e antigos papéis e, trabalhando psicologicamente seus respectivos significados nas relações pessoais, observávamos a restauração do equilíbrio psíquico. No entanto, hoje entendemos a fragilidade desse equilíbrio assim construído. O trabalhar apenas os significados pessoais nem sempre traz à consciência a verdade do próprio espírito, e o não trabalhar as dimensões de alienação dos papéis torna o novo equilíbrio psíquico sujeito às mesmas armadilhas anteriores, geradoras da depressão que motivara a consulta.

O mesmo comportamento podemos observar em idosos que freqüentam o Curso dos Monitores da Terceira Idade do NETI (Núcleo de Estudo da Terceira Idade). Enquanto freqüentam o curso, desempenham os papéis de estudante, colega e até o de universitário pela primeira vez, os quais, por si só, já lhes possibilitam novo equilíbrio psíquico, capaz de muitas vezes tirá-los de estados depressivos. No entanto, o fim do curso pode marcar seu retorno ao estado depressivo anterior, a menos que o curso os tenha colocado em um papel social mais duradouro. Tais papéis sequer foram estruturados de dentro para fora, mas a própria estrutura do NETI é que os fornece, e, apesar de terem as características próprias do idoso que os assume, pode permanecer apenas como uma ação externa, não uma construção do idoso, enquanto indivíduo capaz de construir sua própria estrutura de ações.

O idoso, seguindo a racionalidade, concretude e realidade da teoria do juízo de Hegel enquanto sujeito, também se desenvolve mediante reflexões ou predicções como, por exemplo, o burocrata que retornou à pintura após sua aposentadoria. Por não se ter fixado no predicado (pintor), pode ser burocrata; por não se ter fixado como burocrata, pode retornar a ser pintor. Foi, portanto, podendo determinar-se que se negou, tornando-se burocrata, e, mesmo negando-se no predicado (burocrata), permanece sujeito pleno, senhor e escravo de si mesmo e do mundo, retomando-se como pintor após sua aposentadoria. É

livre tanto quando predicado como quando sujeito, sendo capaz de se pôr, na mesma e em outras formas determinadas, mantendo sua identidade, apesar das limitações e condicionamentos impostos pelas estruturas estabelecidas no mundo. É capaz de, em cada momento, assumir formas determinadas e como não se consome nelas é sempre capaz de retomar a si reflexivamente, consciente ou mesmo inconscientemente.

Por outro lado, o que é posto também tem vida própria, é o burocrata, é o papel de burocrata, a estrutura deste, que também tem sua identidade e segue regras estruturais da rede de relações onde atua; há coordenações de ações dentro e fora do homem. Um sistema burocrático pensado e criado objetivamente por alguém tem sua lógica própria como vírus: pode ser, por sua vez, internalizado por outros de forma automática e cega. Rotinas estabelecidas dentro desta lógica podem proteger e até agilizar as ações do homem, mas também podem chegar a emperrar o andamento dos trabalhos dentro de uma instituição. Por outro lado, elas são necessárias porque racionalizam o trabalho da instituição, protegem pessoas e, por isso, continuam a ser estabelecidas.

Retomando, aquilo que o homem concretiza como predicado: o médico, o professor, o artista, o operário, etc., embora tenha peculiaridades da identidade do sujeito, tem também uma identidade própria de cada papel social determinado. Há aqui uma união da identidade individual realizada com a identidade do próprio papel em ação. Nesta união, aquele que não só é predicado, mas nele se mantém causa de si, é senhor de si e do mundo.

O maior risco psicológico no processo de alienação ontogênica* de que falamos ocorre justamente no processo de aposentadoria. Como muitos dos fatores de mudanças na vida do idoso, a aposentadoria é vista como um grande marco entre a meia idade e a terceira idade propriamente dita. Todos os autores são unânimes em considerar a possibilidade de danos ao equilíbrio psíquico pelas alterações psicossociais e econômicas, decorrentes da aposentadoria e de

concomitantes alterações físicas e mentais, coincidentes na mesma etapa do desenvolvimento humano, embora alguns façam certas reservas a tais afirmações, como Brink, que ressalta que

Não há evidência clara de que a aposentadoria traga benefícios ou malefício à saúde, ou que estenda ou encurte a expectativa de vida. Os idosos aposentados tendem a ficar com menos saúde ou morrer mais cedo, mas isto pode refletir o simples fato de que as pessoas com menos saúde provavelmente se aposentem mais cedo. (Brink 1983, p. 20).

Brink não nega a possibilidade de danos, mas nos adverte para a possibilidade de contaminação dos dados obtidos.

A psicóloga e gerontóloga Fraiman afirma que a mudança da identidade social de alguém produtivo para aposentado

abala a identidade pessoal que, se não for cuidada e apoiada, pode vir a desestruturar, apresentando quadros de: - depressão severa ou crônica; - confusão mental; - agudização de procedimentos neuróticos; - crises psicóticas; - adoção de drogas, alcoolismo; - suicídio.” (Fraiman, 1988, p. 129).

Viorst, compara o fim do trabalho com o exílio: “o fim do trabalho é um exílio, se não houver nada para absorver os interesses e energias da pessoa”. (Viorst, 1990, p. 297).

No plano epistemológico, quando o homem se cola em um papel determinado, obliterando a sua identidade primeira de que falamos no capítulo 4. no item 4. 2, permanece no limitado, no fixo. Perde-se do caminho da fonte, de onde tudo começa e para onde tudo deveria retornar. Perdendo seu fim que é o seu começo, o idoso é literalmente consumido pelo papel, única vida que conhece, e, inflexível, não é mais capaz de buscar novas alternativas. Quando neste estado se aposenta, como predicado de si mesmo, não se vendo como

autopoiético, autodeterminado, tendo adotado como sua própria identidade a identidade do papel, torna-se fácil presa dos estigmas sociais. O velho inútil, descartável, desacreditado, passa a ter ressonância em sua estrutura interna. O posto, quero dizer, o médico, o professor, artista, operário, etc., como um completo e verdadeiro fetiche, atrai e escraviza sua presa no mundo fixo, limitado dos papéis. Agora, então assume o papel do velho inútil.

Alienado, então, de si mesmo, bloqueia sua capacidade de ser autofundante, autopoiético, pura ação, puro desejo, enfim, de ser ele o senhor e determinante da ação posta. Há aqui o congelamento de um homem anulado, no qual o sujeito adormecido é socialmente morto, e há a prevalência de um predicado que se perdeu do seu sujeito e que de outros já se evaporou.

7. 3 Contraponto dos efeitos deletérios da perda do papel principal

A necessária concretização da potência no mundo dado, antes intermediada pelos papéis profissionais, agora aparece dificultada pela inexistência desses papéis sociais mais amplos. Mas, assim como a maior fragilidade do bebê humano se contrapõe à sua maior plasticidade frente aos demais bebês do mundo animal, a inexistência de estruturas sociais mais amplas além das mais próximas - como avô, avó, sogro, sogra, etc. - pode também ser seu grande desafio, sua grande riqueza, sua grande liberdade. Obrigado a criar novas estruturas para se pôr como realidade no mundo, o idoso se renova e lubrifica o caminho da fonte. Se por um lado não encontra estrutura social mais ampla com a aposentadoria, pode ter internamente grandes organizações construídas ao longo de sua história, estruturas estas que de uma forma ou de outra o mantiveram vivo até então.

A fragilidade biológica se contrapõe a um “eu” (centro epistemológico) que tem história, que criou e continua com a mesma capacidade de criar, sempre

capaz de reagir, sempre urgindo por se realizar no mundo. A falta de estruturas sociais mais amplas também pode ressaltar a fragilidade que se põe forte, impondo maior respeito e admiração social. Se, antes da aposentadoria, estruturas sociais preestabelecidas condicionavam acomodação mais ou menos passiva, a inexistência de estrutura adequada pode condicionar a construção e/ou permanência do sujeito. Ou o idoso é sujeito senhor de si e do mundo e, portanto, capaz de criar seu próprio papel, ou inexistente socialmente, permanecendo apenas como potência inerte. Portanto aqui, o que dificulta a exteriorização pode tornar-se o catalisador da própria liberdade, da própria consolidação do sujeito.

Como o centro epistemológico é potencialmente permanente, mesmo que anos tolhido, o “eu” e o “espírito”, o centro epistemológico, sempre urge por se pôr e, na forma de desejo, como senhor, na primeira brecha, irrompe avassaladoramente, quebrando as amarras e se realiza como orquídea rara no meio de uma pedra. Caso o comprometimento emocional (psicológico) e as amarras sociais sejam muito fortes, possivelmente passarão muitas oportunidades antes que se consigam desfazer os nós, mas como o que era e é em potência vive enquanto vida tiver o homem, um dia poderá brotar, bastando encontrar terra fértil.

Alguns dos exemplos do desabrochar tardio da potência humana são citados abaixo:

*Sonia Delaunay, a célebre pintora de origem russa, permaneceu durante muito tempo no anonimato para pôr em evidência seu marido, Robert, falecido em 1941. Somente em 1953, quando contava **sessenta e cinco anos de idade**, suas múltiplas e intrigantes facetas (...) começaram a ser divulgadas internacionalmente (...) Mesmo **depois de ter ultrapassado a casa dos oitenta**, a artista ainda se dedicava à produção de tapeçaria e vitrais, assim como suas magníficas pinturas abstratas. (Comfort, 1979, p.78, grifo nosso).*

*A pintora naïve Anna Marya Moses, mais conhecida como Grandma Moses, viveu em um sítio em Shenandoah Valley, Nova York, até pouco antes de completar oitenta anos. Durante muito tempo sua única atividade artística era o bordado. No entanto, **ao chegar aos setenta e oito anos**, seus dedos se tornaram demasiadamente rígidos para lidar com agulhas; assim, ela começou a pintar a óleo. **Seus quadros** da paisagem rural norte-americana, representada em alegre colorido, **logo conquistaram o mercado internacional**. Em 1960, **quando completou cem anos de idade**, Grandma Moses ilustrou uma edição do livro Na véspera de Natal, publicado em 1962, um ano depois de sua morte. (Comfort, 1979, p. 93, grifo em negrito é nosso).*

Depois da segunda Grande Guerra, em torno já de 1948, Goldstein, eminente neuropsiquiatra, apontava essa busca incessante do homem pela realização de suas potencialidades inerentes, assim como a inviabilidade de o meio moldá-lo facilmente.

O homem luta continuamente para realizar suas potencialidades inerentes, por todos os meios a seu alcance (...). O organismo seleciona os aspectos do meio aos quais vai reagir e, salvo em circunstâncias raras e anormais, o meio não pode forçar o indivíduo a se comportar de forma estranha à sua natureza. (Goldstein K. 1973, p. 331).

Tais fatos ficam evidentes quando assistimos viúvas e separadas que, tendo sido sufocadas e anuladas durante anos desabrocham como ativas participantes, na primeira brecha encontrada. Nesse caso, a morte ou separação dos maridos e a estrutura catalisadora do NETI (Núcleo de Estudos da Terceira idade) abrem o espaço para realização de seus potenciais. Felizes, costumam declarar estarem vivendo os melhores momentos de suas vidas. Encontrando então novo espaço de ação no mundo, estas idosas podem construir, desenvolver através dos novos predicados (alunas do Curso de Monitores da Terceira idade, alunas de ginástica, participante da equipe do Núcleo, etc.), novos caminhos para suas fontes e novas estruturas de realização de suas potências.

Não obstante, a nova caminhada exige rupturas com estruturas anteriores já estabelecidas, há pressões sociais contrárias às mudanças - a idosa tem de cuidar apenas dos netos - e tendências internas à acomodação à antiga estrutura. Assim, a idosa pode usar os papéis socialmente já sancionados pela estrutura do NETI e/ou outras estruturas como Grupos de Convivência de Idosos em diferentes instituições, como meros suportes psicológicos temporários, mantendo-se na mesma alienação, ou, seguindo sua mais íntima paixão, entregar-se à construção e consolidação dos novos caminhos. Ontogenicamente falando, necessitam tecer novos e efetivos caminhos, construir relações internas e externas que expressem a verdade de seu próprio "eu" e, consciente ou intuitivamente, saberem dos riscos da alienação nos papéis sociais e da concomitante necessidade dos mesmos para realização do seu "espírito", do seu "eu".

O homem só poderá sentir-se pleno e livre se, ao se pôr na finitude, no limitado, no predicado - sendo justo onde é também escravo de si mesmo e do mundo -, puder mesmo aí expressar a plena realidade de seu espírito, de seu próprio "eu", realizar sua própria verdade e ainda ser capaz de retornar à sua própria potência, seu centro epistemológico. Assim, mesmo que o fruto de sua realização possa lhe fazer sentir-se pequeno (por exemplo, um aluno que se desenvolveu e ganhou notoriedade acima de seu mestre, um filho que socialmente se destaca mais que seu pai, etc. - vendo-o como fruto de seus esforços), pode também fazê-lo sentir-se igualmente realizado.

Somente estes homens caminham para o ponto máximo na trilha da plenitude de sua própria potência, plenamente posta a cada momento mas jamais inteiramente posta já que infinita e ilimitada. Assim, a fonte, o próprio sujeito, o centro epistemológico ou centro coordenador de ações, apresenta sua maravilhosa inesgotabilidade. Não só o espírito garante a inesgotabilidade por ser ele em si, universal ilimitado, como agora se amplia, cada vez mais, pelas

repetidas reflexões no mundo, transcendendo ao tempo como energia permanente, independente de idade.

No próximo capítulo, através de entrevista e obra da poetisa brasileira Cora Coralina, temos uma boa ilustração de tudo que contrapomos especialmente o referencial teórico de Erik Erikson e do que defendemos ao longo desta dissertação.

8 CORA CORALINA

Ana Lins de Magalhães Peixoto Bretas (1889 - 1985) foi a primeira mulher a receber o troféu “Juca Pato” de literatura, uma das mais premiadas poetisas brasileiras. Aqui, através de entrevistas publicadas, e através de sua própria obra, principalmente *“Vintém de Cobre - meias confissões de Aninha”*, podemos vislumbrar cada passo de um desenvolvimento autodeterminado, autopoietico do indivíduo idoso, que soube registrá-lo de modo original e patético, deixando-nos um tesouro, um exemplo fantástico de uma vida que se construiu forte apesar de toda fragilidade física da autora e aridez de seu meio.

Nenhuma teoria linear e cíclica do desenvolvimento humano que amarre causa e efeito explicaria a plenitude de Cora aos 76 anos, quando de doméstica e doceira desabrocha como escritora madura, pronta para muitos reconhecimentos e troféus, tendo apenas freqüentado a escola primária. Nenhuma determinação social sequer explicaria suas façanhas. Começa pela tão decantada relação básica mãe e filha. Quando de sua gestação, segundo a própria Cora, sua mãe já tinha 2 filhas e desejava ter um filho homem para pôr no lugar do pai já velho, doente, moribundo. Nascia então Cora, com a fontanela aberta até a nuca, fraca e magrinha, frustrando todas as esperanças da mãe. Diz Cora: “hoje eu compreendo e sinto: eu era uma menina mal-amada e mal-alimentada. (...) Todos

em casa diziam ela não aprende porque é filha de velho doente. (...) Aninha, a boba". (Coralina, 1984, p. 3)

Sentir-se fraca, franzina, fontanela aberta, mal-amada, a boba que nem aprender aprendia, porque era filha de pai velho e doente era o mais profundo sentimento de Cora, derivado de suas experiências em seus primeiros anos de vida. Para Erikson (1976, p.96) "o mais fundamental requisito prévio de vitalidade mental, (...) o sentimento de confiança básica" (p.96) já estaria aqui seriamente ameaçado. Sem dúvida, a razão linear de causa e efeito, a lógica cíclica que tudo vincula a uma estrutura anterior e ao ambiente estruturante e causal, sem conter as possibilidades de grandes e saudáveis rupturas no decorrer da caminhada, não desvela o mistério de muitas Coras que vimos desabrochar em nossa caminhada pela gerontologia.

Como era o ambiente de Cora?

*A casa pobre.
Mandrião de saias velhas
da minha bisavó.
Recortadas, costuradas para mim.
Timão de restos de beata.
Vida sedentária.
Orgulho e grandeza do passado.
(Coralina, 1987, p. 46).*

Tudo parece fazer dela apenas predicado, apenas mulher objeto, no papel pequeno e passivo das moças de seu tempo:

*A gente era moça do passado.
Namorava de longe, vigiada.
Aconselhada. Doutrinada dos mais velhos,
em autoridade, experiência, alto saber.
Moça para casar não precisa namorar,
o que for seu virá.
Ai, meu Deus! e como custava chegar...
Virá! Virá!...Virá! virá!....Quando?
E o tempo passando e o moinho dos anos moendo,*

*e a roda-da-vida rodando... Virá-virá!
A gente ali, na estaca, amarrada, consumida
de Maria Borralheira, sem madrinha-fada (...).
(Coralina, 1987, p. 53).*

Como diz Cora (1984, p. 3), “assim me criei. Sempre tolhida em meus anseios, mas sem renunciar a eles (...). O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada”. Aos 18 anos consegue ser redatora de um pequeno jornal “A Rosa”, e aos 21 publica seu primeiro conto no Anuário Histórico Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás. Título: “*Tragédia da Roça*”. Já havia aqui familiaridade com a literatura, que já vinha do muito falar, do cantar músicas de roda, das muitas leituras desde o término de sua escola primária. Já havia aqui organização de coordenações internas e até já algumas estruturas literárias como a “*Tragédia da Roça*”, que são interrompidas durante 45 anos em que casa, sai de Goiás para São Paulo, e cria 5 dos 7 filhos que gerou. Será que os desejos e anseios foram abandonados e sepultados definitivamente? Não. Como dona de casa pôde engrandecer cada pequeno detalhe. Assim afirma:

Considero a articulatória a mais bela de todas as artes, aquela que está ligada à vida e a saúde humana, e da qual todos nós dependemos, desde que nascemos até à morte. O primeiro chá da criança e o último leite do moribundo passaram sempre pela cozinha. (Coralina, 1984, p. 2).

Cora transita de redatora de um jornal a dona de casa, mãe, esposa e cozinheira. Do espaço público ao espaço privado, constrói organização de ações e estruturas condizentes com sua própria grandeza, fazendo da cozinha uma arte tal como o serviço de uma música, de um canto, de uma declamação que se usufrui no momento de sua execução.

Quando em 1954 retorna a Goiás, depois de 45 anos de ausência, escreve o “*Cântico da Volta*”. Mas, não há mais o jornal onde outrora era redatora e naquele momento não encontra espaço para publicar seus versos. Cora transita novamente dos versos para cozinha, doceira por mais 24 anos, durante os quais

conversa com muitos, vendendo doces, construindo novas estruturas de ações lingüísticas, novas brechas, pois nesta “conversação” abre espaços para externalização pública de seus poemas.

A lógica linear não explica o que a negatividade da lógica dialética e construtiva pode elucidar. A potência, o centro epistemológico, existente durante toda a vida humana sempre busca ativamente sua realização no mundo dado. Mesmo bloqueada em seu processo de externalidade, a potência, Cora pode sempre buscar sua realização. Enquanto tal fato não ocorre naquele domínio lingüístico, vai realizar sua infinitude e ilimitação na particularidade da doceira, no parco e velho meio de Goiás Velho.

Portanto, o ambiente que lhe põe muitos limites não a determina. A organização de ações internas constrói novas estruturas, “*mesmo carregando pedra, mesmo de mãos sangrando*”. O domínio é outro: a cozinha. Ali enriquece pequenos detalhes, cava brechas que se tornam condição para transpor as estruturas de ações da doceira, formando as estruturas de ações poéticas da ancianidade. Construindo sua vida, a forte e frágil Cora garimpa sua brecha, conscientemente ou não esperada. É aos 76 anos de idade que Cora publica seu primeiro livro, “*Poemas dos Becos de Goiás e Estórias mais*”, desabrochando assim, já idosa, seu impulso literário, sua necessidade de se dizer em forma de linguagem, de poemas. Com 87 anos lança seu segundo livro, “*Meu Livro de Cordel*”, pela Editora Cultura Goiana.

Em 1978 sofre uma queda em sua residência, quebrando o fêmur direito. Após sua recuperação, necessita usar muletas e deixa de fazer doces de frutas cristalizadas. No entanto, ainda podia escrever e continua cavando suas brechas. Antes de lançar seu terceiro livro escreve para Carlos Drummond de Andrade, enviando-lhe alguns dos seus poemas, inclusive o poema título de seu terceiro livro ainda em gestação. Em 1979 Drummond responde sua carta, lançando-a definitivamente como grande poetisa brasileira.

Em 1983, em seus 94 anos, lança seu terceiro livro: *“Vintém de Cobre - Meias confissões de Aninha”*. Cora continua seu poema:

*Neste tempo me criei
Daí, este livro - Vintém de Cobre,
numa longa gestação,
inconsciente ou não,
que vem da infância longínqua
à ancianidade presente.
(Coralina, 1987, p. 46)*

Contraditoriamente, as paixões humanas, originariamente egoístas em sua capacidade de intensificar interesses em um só objetivo, freqüentemente encontram laços entre as necessidades do desenvolvimento histórico e de seus próprios interesses. Há aqui um interessante encontro entre a necessidade geral e pública e o interesse privado, pessoal. Falamos aqui das anteriormente faladas paixões hegelianas geradoras de atividades universais.

Assim Cora escreve muito identificada com sua pobre e saqueada Goiás. Basta ver o título de seu primeiro livro: *“Poemas dos Becos de Goiás e Algo Mais”*; seguia, assim, um impulso pessoal, autocentrado, uma grande paixão que certamente engatilhava um anseio comum, histórico, um grito de toda mulher goiana, um grito de todas as mulheres, não só de sua época, mas que ultrapassa, atravessa o tempo em sua universalidade imediata, posta nas estruturas de ações efetivas de seus poemas verdadeiros. Daí seu sucesso, seus livros em 4ª e 16ª edições.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa caminhada parte do conceito simples, unidade do diverso, identidade de toda uma classe de indivíduos. Essa identidade é, ao mesmo tempo que universal, imediatamente individual por abrigar também toda diversidade, ou seja, as particularidades de cada indivíduo. Existe na criança, no adulto, no idoso, em todas as idades - apenas suas formas e determinações se tornam diferentes, como nas estratégias usadas pelo grande pianista Rubinstein - , permitindo seu pleno desempenho em seus 89 anos de idade, apesar de sérios problemas visuais e lentificação de seus movimentos.

Como potência é o em-si que pode construir caminhos de auto-realização, lutando bravamente contra sua própria tendência à alienação, contra as restrições do meio e mesmo contra as limitações físicas do indivíduo idoso. Este parece ter tudo contra si no sentido do estabelecimento de novas estruturas pessoais e sociais. A passividade e acomodação teriam todo respaldo social, confirmariam o estigma do idoso inútil e pronto para encarar a morte.

No entanto, como vimos no caso da Cora Coralina, o centro de funcionamento, o "eu " posto nas determinações ínfimas - de dona de casa, de mãe e esposa -, pode, na ação em seu mundo particular, exercitar-se nas

particularidades dos diferentes papéis domésticos. É justo nessa finitude, limitada, mera negatividade da infinitude do “eu” e, ao mesmo tempo, *apogeu da liberdade*, como diz Hegel (1990, R. H., p. 72), que a mãe, a esposa, a dona de casa, etc., pode ter consciência de si mesma e do mundo (reflexão). Assim também pode o cidadão da terceira idade construir coordenações de ações que modifiquem o ambiente social e material.

Mas isso não seria possível sem que o homem, aqui o indivíduo idoso, rompesse com o estado indiferenciado da potência na busca de sua realização. Ele parte de seus desejos, paixões, necessidades, e age apenas nesta ação própria, autodeterminada, podendo reconhecer-se em sua própria realização, em seu trabalho, sendo, assim, sujeito da ação. Quando mero predicado alienado de si mesmo, não mais autodirigido, mas passiva vítima de suas próprias muletas, faz eco a todo estigma que, só assim, lhe pode ser imposto (há consonância entre o estigma e as coordenações de ações do idoso).

Sendo na ação que o homem se reflete e cria estruturas necessárias à sua existência, a atuação de técnicos que limitem ou conduzam o agir autodeterminado do idoso dificulta o desenvolvimento de sua autonomia. Assim como o assumir meros papéis externamente criados, dados e não conquistados também não favorece a autodeterminação. Como gerontóloga, podemos ver diariamente a luta, a vitória e a construção de novas coordenações de ações do indivíduo idoso, mesmo nos meios mais áridos, onde este necessita romper com filhos que o querem cuidando dos netos ou permaneça restrito ao trânsito seguro de seu mundo privado.

Do mesmo modo que uma árvore podada ao tronco pode, após algumas chuvas, brotar com toda força e beleza, mais ainda o homem, que é capaz de construir seu próprio sistema de irrigação. É assim que com frequência temos visto florescer velhas e frondosas árvores, que, sempre podadas, tolhidas em suas realizações necessárias, próprias e livres podem, depois de longos anos de

ações alienadas, apesar de algumas limitações físicas, brotar mais plenas ainda na primeira brecha batalhada, construída.

Se realmente cremos no potencial de realização do indivíduo, na possibilidade de sua construção como sujeito em qualquer idade, podemos sim, desafiá-lo a cultivar e deixar fluir em si as suas paixões, aquelas das quais anteriormente falamos e que encontram intrigante junção entre os motivos egoístas e pessoais e as necessidades do desenvolvimento da história da humanidade. Podemos criar espaços criativos, onde a liberdade e flexibilidade da estrutura reflitam a verdadeira expressão das necessidades particulares e egoístas de cada idoso e, ao mesmo tempo, das necessidades de toda a população idosa. Como tal estrutura, coordenação de ações poderia ser construída?

Primeiro, é importante ressaltar a “forma indireta”, como diz Etges (1994), de relação entre as estruturas. As estruturas da instituição por si mesmas devem ser tão vivas, ou melhor, suas coordenações de ações devem ser tão flexíveis e sensíveis quanto às coordenações de ações dos idosos que possam ativamente buscar aquela instituição. Ambas, ao ativamente se buscarem, rompem com seus estados estruturais primeiros, formando, segundo Etges (1994), uma “terceira realidade” que, então, concretiza a interação. Dessa forma, objeto - estruturas de ações da instituição - e sujeito - os idosos - se desenvolvem. Assim, pela lógica das estruturas de ações realizadas pelo homem, tanto o idoso como a instituição constroem suas histórias ao mesmo tempo em que a instituição é uma realização do homem que se constrói dentro de sua própria construção.

As associações de bairro poderiam manter terminais de computador, com programas amigáveis próprios para cadastramento de interessados no estudo, pesquisa, e aprendizagem de qualquer coisa ou assunto que brotasse de cada interessado, independente de idade. Tais terminais estariam ligados a uma

central responsável por: 1) agrupar interesses comuns em local que facilitasse a locomoção dos membros de cada grupo; 2) coordenar reuniões por grupo de interesse, com a finalidade de promover o surgimento de lideranças e autonomia da nova unidade; 3) manter canal aberto entre a central e a nova unidade para troca e divulgação dos resultados. Assim, há um desenvolvimento da central em diferentes redes e de cada grupo de interesse.

O acesso à Internet, onde pessoas se comunicam independentemente de sexo, cor, raça ou idade, é um espaço amplificado de circulação de idéias, flexível e internacionalizado. A disponibilidade destas fontes à população idosa pode ser mais um caminho de exercício da liberdade e construção do sujeito idoso.

Quando há traumas emocionais obliterando o caminho de realização da potência que urge por se realizar, qualquer ação terapêutica que possa ter efetiva e rápida ação focal, mudando significados e desobstruindo o caminho da fonte sem reconstrução evolutiva de um passado longínquo, terá importância fundamental mesmo que o enfoque teórico seja linear e até mecânico. No entanto, o processo de construção do sujeito idoso terá aí apenas iniciado. Necessitará ainda do exercício da liberdade, que inevitavelmente passará por alguns predicados, por muitas tentações de acomodação passiva nos papéis cristalizados e socialmente respaldados.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, K. in: Brink T. L. Psicoterapia Geriátrica. trad. Ernani Pavaneli de Moura. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- ADLER, Alfred. in: Hall & Lindzey. Teorias da Personalidade. trad. Lauro Brotones. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- ANGYAL, Andras. in: Hall & Lindzey. Teorias da Personalidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- AQUINI, Ana Maria do Nascimento. O Trabalho e a Construção da Mulher na Sociedade. Tese de mestrado, UFSC, CED, Florianópolis, 1993.
- ARIÈS, Philippe. História da Morte no Ocidente. trad. Pricila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- ARTAUD, Gérard. Conhecer-se a si mesmo. trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1982.
- BACHELARD, G. O Novo Espírito Científico. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo, 1985.
- BANDLER, Richard & GRINDER, John. Sapos e Príncipes. trad. Maria Silva Mourão Neto. São Paulo: Summus, 1982.
- BAUDRILLARD, Jean. Da Sedução. Tânia Pellegrini. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Papiros, 1992.
- BALIER, C. in: Salgado, M. A. Velhice uma Nova Questão Social. São Paulo: edição do Serviço Social do Comércio, 1982.
- BALTES, P. B. Envelhecimento Cognitivo: Potencialidades e Limites. Gerontologia 2 (1) 23 - 44, 1994.

- BERTO, Helena S. & Galeno, Núria de S. O Trabalho e a Aposentadoria. Florianópolis: edição das autoras, 1992.
- BOEMER R. Magali, Zanetti Lúcia Maria & Vale R. M. Elizabeth. A Idéia da Morte no Idoso - uma abordagem compreensiva. In: Cassola, Roosevelt M. S. Da Morte, Estudos Brasileiros. São Paulo: Papiros, 1991.
- BRINK, T. L. Psicoterapia Geriátrica. trad. Ernani Pavaneli de Moura. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- BUTLER, R. N. in: Brink T. L. Psicoterapia Geriátrica. trad. Ernani Pavaneli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- CAILLARD, M. in: Salgado, M. A. Velhice uma Nova Questão Social. São Paulo: Serviço Social do Comércio, 1982.
- CANÔAS, Cilene S. A Condição Humana do Velho. São Paulo: Cortez, 1983.
- COMFORT, Alex. A Boa Idade. trad. Nelson Pujol Yamamoto. Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- CORALINA, Cora. Vintém de Cobre meias confissões de Aninha. 4ª edição, Goiânia: editora da Universidade Federal de Goiás, 1987.
- _____. Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. 16ª edição. São Paulo: Global, 1990.
- _____. Entrevista com Cora Coralina, Florianópolis: Notícias da terceira idade, SESC, ano 1, 1 - 4, nº 5, setembro 1984.
- CRUZ, Maria Zilda. O Idoso: Delimitação da Velhice. Leopoldianum. Santos - São Paulo: v. 17, nº 49 ps. 5 - 21, abril, 1991.
- ERIKSON, Erik H. Identidade Juventude e Crise. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- _____. Infância e Sociedade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- ETGES, Norberto J. Produção do Conhecimento e Interdisciplinaridade. Cadernos Especiais. Brasília: Nº 8: 03 - 23, Rumos 1993.
- _____. Trabalho e Conhecimento. Porto Alegre: Educação e Realidade, 18 (1): 5-24, jan / jun, 1993.

- _____. Estrutura versus subjetividade nas relações sociais: uma oposição de exterioridade? Porto Alegre: Educação e Realidade, 19 (1): 47-60, jan/jun. 1994.
- _____. Gravações de sala de aula. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, CED, 1995/2.
- EVANS, R. Construtores da Psicologia. São Paulo: Summus Editora, 1979.
- FERREIRA, Berta Weil. Adolescência Teoria e Pesquisa. Porto Alegre: Sulina, 1978.
- FAUSTO, Ruy. Marx: lógica & política. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FREUD, S. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora 1972. V. VII,
- FRAIMAN, Ana P. Coisas da Idade. São Paulo: Hermes, 1988.
- FROMM, Erich. Conceito Marxista do Homem. 8ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- GIDDENS, Anthony. As Consequências da Modernidade. trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp Editora, 1991. 177p.
- _____. A Transformação da Intimidade. trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.
- _____. Modernity and Self - Identity. Cambridge UK, Polity Press, 1991. 255 p.
- GEIST, Harold. Psicología y Psicopatología del Envelhecimento. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 1977.
- GOFFMAN, Erving. Estigma. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- GOLDSTEIN, Kurt. in: Hall & Lindzey. Teorias da Personalidade. trad. Lauro Bretones. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- GONÇALVES, Lúcia, H. T. A Autonomia e Independência no Desempenho das Atividades da Vida Diária de Pessoas Idosas Hospitalizadas com Multipatologias Crônicas. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, trabalho apresentado para concurso público para docente Adjunto/Departamento de Enfermagem, 1992.
- GROTJAHN, in: Brink T. L. Psicoterapia Geriátrica. trad. Ernani Pavaneli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

HALL, C. S. & Lindzey G. Teorias da Personalidade. trad. Lauro Bretones. 10ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

HALL, G. S. in: Geist Harold. Psicología Psicopatología del envelhecimento. Buenos Aires: Paidós, 1977.

HEGEL, Georg, F. Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome. trad. Artur Morão. Lisboa - Portugal: edições 70, 1969. vs. I, II e III.

_____. Estética. trad. Orlando Vitorino, Henrique C. L. Vaz, Antônio P. de Carvalho. 4ª ed. São Paulo, Nova Cultura 1988.

_____. Princípios da Filosofia do Direito. trad. Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães, 1990.

_____. A Razão na História. trad. Robert S. Hartman. São Paulo: Moraes, 1990.

_____. Introdução a História da Filosofia. trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1991.

HOOYMAN, Nancy R. & KIYAK, H. Asuman. Social Gerontology. Toronto: Allyn and Bacon, 1993.

JECKER, Nancy. Aging & Ethics. Totowa - New Jersey: Humana Press, 1991.

JUNG, C. G. O Desenvolvimento da Personalidade. 2º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes Editora, 1983.

_____. O Homem e Seus Símbolos. 9ª ed. Rio de Janeiro: Fronteira, s. d.

_____. Memórias sonhos reflexões. Rio de Janeiro: Fronteira, s. d.

KAUFMAN, in: Brink T. L. Psicoterapia Geriátrica. trad. Ernani Pavaneli de Moura. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

KAUFMANN, Tania. A Idade de Cada Um. 2ª ed. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

KUNTZ, Rolf. Mundo Rico Tem Mais Desemprego. O Estado de São Paulo, São Paulo: 29/08/93, Economia p. 6.

LECKY, Prescott. in: Hall & Lindzey. Teorias da Personalidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

- LÉGER, J. M., TESSIER, J. F. & MOUTY, M. D. Psicopatologia do Envelhecimento. Antônio Carlos O. Corrêa. Petropolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- LOPES, Emilio Mira. Hacia una Vejez Joven, Psicología y Psicoterapia de la Ancianidad. Buenos Aires: Kapelusz, 1961.
- MARDEGAN, Elyseu Jr. A Idade do Lobo. São Paulo: Mercuryo, 1993.
- MAGALHÕES, Dirceu N. A Invenção Social da Velhice. Rio de Janeiro: edição do autor, 1987.
- MARX, Karl. O Capital. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. V. I e II .
- _____. Manuscritos Econômicos e Filosóficos. in: FROMM, Erich. Conceito Marxista do Homem. 8ª ed. Rio de Janeiro: zahar, 1980.
- MASLOW, Abraham H. Introdução a Psicologia do Ser. 2ª ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1967.
- MATURANA, Humberto R. & Varela Francisco G. El Árbol del Conocimiento. Chile: astiel, 1991.
- MORAGAS, Ricardo. La Jubilación, um enfoque positivo. Barcelona: Grijalbo, 1989.
- _____. Gerontología Social. Barcelona: Herder, 1991.
- MOSQUERA, Jean J. M. Pessoa Idosa Problema ou Esperança. Veritas. Porto Alegre: v. 38, nº.149, ps. 113 - 131. Março 1993.
- MORENO, J. L. Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. trad. Antônio C. M. C. Filho. São Paulo: Mestre Jou, 1974.
- _____. Fundamentos do Psicodrama. trad. Maria Silva Mourão Neto. São Paulo: summus, 1983.
- MORIN, Edgar. O Elogio do pluralismo e da complexidade. Trabalho Apresentado na 2º Programa de Formação Pedagógica dos Docentes da UFSC, Florianópolis, 1993.
- PIAGET, Jean. Psicologia e Epistemologia. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1978.
- _____. Seis Estudos de Psicologia. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1985.

NERI, Anita Liberalesso. Qualidade de Vida e Idade Madura. Campinas - São Paulo: Papirus, 1993.

RAPPOPORT, Leon. La Personalidad Desde los 26 Años Hasta la Ancianidad. Buenos Aires: Paidós, 1978.

SALGADO, Marcelo Antônio. Velhice, Uma Nova Questão Social. São Paulo: Edição do SESC, 1982.

_____. Envelhecimento, um desafio para a Sociedade. São Paulo: Terceira idade, SESC 1 (1): 4 - 8 set. 1988.

THOME, Zeina R. C. Inovação Tecnológica, Intellectualização e Automação da Atividade Humana na produção. Tese de Mestrado. UFSC, CED, Florianópolis, 1993.

VARGAS, Heber, Soares. Saúde Mental na Senescência. San Pablo - Brasil: Primer Congreso Panamericano de Gerontología, 1995.

VIORST, Judith. Perdas Necessárias. 10ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

WAGNER, Elvira de M. Amor, Sexo e Morte no Entardecer da Vida. São Paulo, Caieira Editora, 1985.

WOLFF, José R. , Gonçalves Camila S. e Almeida Wilson C. Lições de Psicodrama. São Paulo: Agora, 1988.

ZINBERG, N. E. Psicologia Normal de la Vejez. 2ª ed. Buenos Aires: Paidós, 1978.